

Começa a ofensiva

Albânia promove mudanças no socialismo

O governo albanês dá prosseguimento às mudanças visando democratizar o país e promover uma maior eficiência econômica. Páginas 14, 15, 16 e 17.

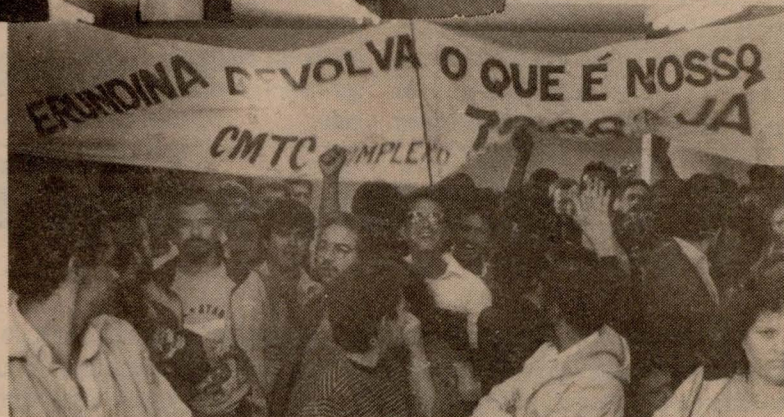
Já se foram as ilusões quanto ao caráter do pacote econômico imposto pelo governo Collor. O grande capital soube recuperar o dinheiro que havia aplicado no mercado financeiro e que foi retido por alguns dias - apenas por alguns dias. Mas os trabalhadores - e os "descamisados" - sofreram e sofrem as mais terríveis privações: o arrocho salarial, bate todos os recordes; o desemprego cresce de forma assustadora. A popularidade do governo e seu plano transforma-se rapidamente em impopularidade e repúdio e os assalariados vão à luta contra o farsante Collor. Leia editorial na página 2 e as matérias das páginas 6 e 7

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES. UNÍ-VOS!

A Classe Operária

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 66 - VI FASE - Nº 43 - DE 25 DE MAIO A 7 DE JUNHO DE 1990 Cr\$ 30,00



Coligações contra Collor

CDM

As coligações que disputarão as eleições parlamentares de outubro contra a direita já foram acertadas. Leia nas páginas Fundação Maurício Grabois

A luta é inevitável

Mais cedo do que se esperava, o Plano Collor deu no que tinha que dar. Despertou o descontentamento do povo trabalhador e fez soar o alarme da consciência nacional em setores da sociedade que tomam como o bem mais caro a soberania da pátria.

Em poucas semanas os trabalhadores se deram conta da natureza perversa da política governamental. A instabilidade monetária e a inflação voltam à tona, o desemprego vai assumindo proporções gigantescas, o arrocho salarial cobra dimensões inéditas, levando o drama da fome a atormentar milhões de famílias. Logo se viu que a proteção aos "descamisados" e a ameaça às "elites" não passavam de bravatas do presidente, que a crua realidade de se encarregou de desnudar.

Nestas condições nada é mais natural do que a retomada da luta dos assalariados, principalmente o movimento grevista. À proporção que o panorama social vai se tornando sombrio, com a evidência de que o governo optou por descarregar sobre o povo o ônus da crise, por sinal impossível de debelar nos marcos do regime econômico-social vigente, é inevitável que a classe operária e os assalariados em geral combatam



em defesa dos seus direitos.

A burguesia encontrou variadas formas de preservar seus interesses sob o impacto do aperto monetário do Plano Collor. A mais cruel de todas, inclusive estimulada pelo governo, é a redução dos salários negociada com a diminuição da jornada de trabalho. Mas aquilo que no primeiro momento parecia ser facilmente aceito pelos trabalhadores, temerosos do mal maior - a perda do emprego - passou a ser energeticamente contestado.

Durante a semana passada o maior centro da indústria metalúrgica do país - a região do ABC paulista - foi palco de assembleias que mobilizaram dezenas de milhares de trabalhadores que se pronunciaram com ênfase contra a redução dos salários, declarando-se dispostos a recorrer à paralisação do trabalho e a outras formas de luta. Em vários estados diversas categorias entraram em greve, destacadamente motoristas de ônibus, professores e médicos, en-

quanto que no funcionalismo público o clima é de repúdio ao governo devido ao arrocho dos salários e ao anúncio de demissões em massa.

O retorno das lutas dos assalariados à cena altera o quadro político e já provoca significativas repercussões. O governo mostra-se atarantado, dá sinais de cansaço precoce e perda de rumo. Os ministros se contradizem, a base política governamental no Congresso sente-se acuada e muitos parlamentares, há bem pouco tão pressu-

rosos no apoio ao governo colocam-se na defensiva temendo o julgamento das urnas nas próximas eleições. A reanimação das lutas populares vai se transformando, assim, no fator que pode modificar a situação política, isolar a movimentação da direita e dar novo alento às forças democráticas e progressistas.

A resistência dos assalariados à investida governamental contra seus direitos encerra também importantes lições para o movimento social. Mostra a falência de concepções retrógradas e capitulacionistas e o fracasso do defensismo político de lideranças e correntes vacilantes que nesses momentos de dificuldade substituem o combate pela perplexidade.

Por mais densa que seja a névoa da propaganda governamental, a realidade vai se impondo e fala por si. Mais cedo ou mais tarde, o povo descobre o caminho da luta, até por uma questão de sobrevivência. As correntes políticas avançadas têm o dever de interpretar com precisão essa realidade e encontrar formas de impulsionar com firmeza e métodos consequentes o movimento popular de oposição e derrotar o governo antioperário e antinacional.

Pedral, candidato das esquerdas

Péricles de Souza*

Recente reunião do diretório nacional da Bahia decidiu pelo apoio do PCdoB, à candidatura do engenheiro José Pedral Sampaio, do PSB. Pedral foi prefeito da cidade de Vitória da Conquista, cassado e preso pelo regime militar, voltou à prefeitura após a anistia, foi coordenador da campanha de Waldir Pires em 86 e seu secretário de transportes, dos primeiros a se integrar à candidatura de Lula no segundo turno.

Essa decisão do PCdoB foi adotada após longo esforço para que se unificassem em torno de uma chapa os partidos da antiga Frente Brasil Popular e, com base nessa aliança, trouxessem o PCB, PV, PDT e o PSD, re-

compondo assim o palanque do segundo turno no ano passado para as eleições deste ano.

O PT frustrou esse esforço. Como em vários outros Estados, decidiu-se pelo isolamento quando declarou irreversível sua candidatura a governador, propôs coligação na eleição majoritária apenas com o PCdoB e com o PSB e rejeitou qualquer coligação às eleições proporcionais. Com um por cento nas pesquisas após quatro meses de lançamento da candidatura, o PT mostra-se insensível à ascensão da direita na Bahia, que pode trazer ACM (PFL) de volta ao governo do Estado, e ignora a importância de se articular a frente de oposição ao governo Collor, na luta eleitoral de outubro.

No PSDB surge a candidatura do empre-

sário e deputado Joaci Goes, dita 'inamovível' e para 'unificar a esquerda'. Seu perfil político entretanto o deixa distante dessa pretensão.

A candidatura de Pedral já foi apoiada pelo PSB, PCdoB e PCB. Tende a conquistar os apoios do PDT e PV. Esses cinco partidos, reunidos esta semana, apelaram em nota pública para que o PT e o PSDB, não façam de sua candidaturas ao governo ditas 'irreversíveis', obstáculo à unidade, e se incorporem a frente progressista para o debate do programa e esforço de composição de uma chapa capaz de derrotar ACM, Iruijo e Nilo, maiores expressões da direita na Bahia.

PSB, PCdoB, PCB, PDT e PV criaram

um fórum para discussão de programa e chapa e tentam mudar as posições do PT e do PSDB. Ao mesmo tempo, a campanha de Pedral ganha força com a incorporação do PCdoB, que pretende uma feição avançada para o conjunto da chapa, capaz de atingir e polarizar o eleitorado das grandes cidades, da região metropolitana de Salvador e dos setores organizados da sociedade.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

PCdoB lança candidatos no RJ

Fotos: Edimar Menezes

O Partido Comunista do Brasil apresentou, no último dia 11, no Circo Voador, os seus candidatos às eleições parlamentares deste ano. Edmilson Valentim e Jandira Feghali para deputado federal e Dilcéia Nahon e Gilberto Lobato para deputado estadual são os candidatos comunistas que vão disputar mandatos - Edmilson à reeleição, Jandira sai da Assembléia Legislativa, para tentar a Câmara Federal. Dilcéia e Gilberto disputam pela primeira vez um cargo eletivo - com base em propostas de luta já colocadas em prática há algum tempo em suas militâncias políticas.

"Um povo que canta"

Com essas palavras o presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, abriu o ato de lançamento das candidaturas comunistas para as próximas eleições parlamentares no Rio de Janeiro. Amazonas se referiu ao ambiente festivo, próprio da índole carioca, que, com muita música, alegria e palavras de ordem, consagrou os nomes dos candidatos, os quais estavam acompanhados do ator Nelson Xavier, da cantora Via Negromonte, da presidente estadual do PCdoB, Maria Dolores Bahia, do médico Hésio Cordeiro e de uma representação de operários da CSN, que lá foram manifestar o seu apoio ao PCdoB.

Os candidatos do PCdoB receberam o respaldo de representações populares de bairros e favelas do Rio de Janeiro e de municípios da Baixada Fluminense.



Jandira: papel destacado nas lutas populares no Rio de Janeiro

se. Apesar da chuva intensa que caiu no final da tarde e durante toda a noite na capital carioca, a apresentação das candidaturas comunistas recebeu numerosas manifestações de apoio, inclusive por correspondência, de políticos e personalidades do Estado do Rio.

Os candidatos

Os nomes apresentados pelo Partido Comunista do Brasil, no Rio de Janeiro, para concorrer às eleições de outubro próximo foram indicados com base na atuação política, e na representatividade que possuem em suas respectivas áreas de atuação. Para deputado federal o partido indicou os nomes de Edmilson Valentim, que concorre a reelei-



ção, e da deputada estadual Jandira Feghali, levando em consideração a atuação de ambos tanto em Brasília, durante os trabalhos da Constituinte Federal e nas lutas sindicais, quanto no Rio de Janeiro, em relação a Jandira, que teve papel destacado nas lu-



Edmilson, deputado nota 10, uma revelação dos trabalhadores no Congresso

lação carioca, pelo seu desprendimento e capacidade de liderança. Foi a parlamentar mais votada nas eleições de 1986 e justificou o apoio recebido do eleitorado fluminense. Atuou com energia e decisão, com grande capacidade de iniciativa, com competência e dignidade.

Para a Assembléia Legislativa do Rio, o PCdoB lançou os nomes da líder comunitária Dilcéia Nahon e do sindicalista e também líder comunitário Gilberto Lobato. A primeira, com quase 20 anos de atuação nos bairros e favelas do Rio e, em particular, na baixada fluminense, onde reside, exerce atualmente a presidência da maior federação municipal de Associações de Moradores de Nova Iguaçu, o MAB (antigo movimento de amigos dos bairros), além de ser vice-presidente da FAMERJ - Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro.

A candidatura de Gilberto Lobato está respaldada na representatividade que possui junto aos metroviários, onde apesar de não ter cargo sindical, é uma liderança em ascensão na categoria, representando os pilotos do Metrô junto à empresa. Ele também tem atuação nos setores populares de Jacarepaguá, onde já exerceu a presidência da entidade de moradores por três mandatos. Gilberto se caracteriza pela grande capacidade de mobilização e de dedicação às lutas do povo. (Carlos Henrique Vasconcelos)



tas populares do Estado.

Edmilson Valentim, como único operário eleito para a Câmara Federal em 1986 recebeu nota 10 do Diap - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - por sua atuação irrepreensível, sempre ao lado dos trabalhadores e contra a exploração capitalista. Foi o autor da Lei que instituiu a jornada de 6 horas para as empresas que funcionam em turnos ininterruptos e co-autor de uma série de dispositivos em defesa de outros direitos trabalhistas. Como negro, operário e militante comunista empunhou com firmeza as bandeiras sociais dos trabalhadores, constituindo assim, uma grata revelação no Congresso Nacional.

A deputada estadual Jandira Feghali, agora concorrente a uma vaga na Câmara Federal, teve seu nome alçado a essa condição em função da vasta penetração que conseguiu junto à popu-

Campanha começa vibrante no DF

Um vibrante Ato Público, seguido de uma animada festa, com muito samba, forró e lambada, marcou o lançamento das candidaturas do PCdoB do Distrito Federal para as eleições do próximo dia 3 de outubro. Os candidatos do Partido, Agnelo Queiroz, para deputado distrital e Moacyr de Oliveira Filho, o Moa, para deputado federal, empolgaram a mais de 300 pessoas presentes na quadra de ensaios da ARUC, a maior Escola de Samba de Brasília, defendendo as propostas do Partido e prometendo muita garra e disposição de luta para vencer as forças conservadoras e os representantes do poder econômico que dominam Brasília.

Representantes de praticamente todas as cidades satélites de Brasília, jornalistas, trabalhadores da área de saúde, mulheres, jovens, diretores e componentes da ARUC, além de centenas de militantes do PCdoB prestigiaram o ato.

Em preparação ao lançamento, os primeiros materiais de divulgação da campanha de Agnelo e Moa, elaborados pelo artista plástico baiano, Jaelino, foram espalhados pelos principais pontos do Distrito Federal, causando um impacto positivo, principalmente pela qualidade visual e pela beleza plástica, contribuindo para mostrar a força e o potencial das campanhas dos candidatos comunistas. A artista

plástica Nádia Timm, doou um de seus trabalhos para uma rifa, com o objetivo de angariar recursos financeiros para a campanha.

Após o lançamento, a direção regional do Partido jogará peso na tarefa de formação e constituição de Comitês Populares pró-Agnelo e Moa em todo o Distrito Federal, formando a base de massas necessária para respaldar as candidaturas. A inauguração de Comitês Populares ocupará o calendário da campanha durante os meses de maio e junho, culminando com a Convenção Regional do PCdoB que homologará as duas candidaturas, em meados de junho.

Gaúchos criam frente progressista

No dia 14 de maio, em Porto Alegre, com o Plenarinho da Assembléia Legislativa do RS lotado, representantes do PDT, PSDB e PCdoB assinaram o protocolo de coligação eleitoral e de oposição ao governo Collor. O documento, firmado por Matheus Schimidt (PDT), Adroaldo Streck (PSDB) e Edson Silva (PCdoB) oficializa acordo entre os três partidos para apoiarem um candidato comum ao governo estadual - Alceu Collares, do PDT - e para concorrerem juntos à eleição de expressivas bancadas para o Congresso Nacional e a Assembléia Legislativa.

Convocação

O ato, que foi sem dúvida, o maior fato político ocorrido até aqui na sucessão gaúcha, serviu ainda para o PDT, o PSDB e o PCdoB reafirmarem uma convocação aos demais partidos de esquerda a se incorporarem à frente progressista e combatem, com maior força, o governo Collor e a direita do Rio Grande do Sul, representada por Marchezan, Chiarelli etc.

O documento assinala que "esta aliança é firmada em defesa da soberania nacional, da liberdade e dos direitos do povo trabalhador, anseios que estão seriamente ameaçados, nas circunstâncias atuais de um Brasil



A mesa do ato que selou o acordo entre PDT, PCdoB e PSDB no RS. Da esquerda para a direita: Collares, Edson Silva, Matheus Schimidt e Adroaldo Streck

presidido pelo governo do presidente Collor".

Os três partidos acertaram uma data comum para a realização de suas convenções - 2 de junho - com a presença de suas lideranças máximas a nível nacional - Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB) e João Amazonas (PCdoB) num grande ato político de massas programado para

o mesmo dia.

O protocolo estabelece que o candidato ao governo será Alceu Collares do PDT. O PSDB indicará o candidato a vice-governador ou ao Senado, ficando uma das duas postulações aberta a outro provável aliado, enquanto que o PCdoB indicará o candidato a suplente de senador.

O candidato ao governo Alceu

Collares declarou: "Estava aguardando este encontro das oposições e desejamos firmar coligação também com outros partidos populares". Ele conclamou o PT, o PSB, o PMDB e o PCB a fazerem "uma revisão de suas intenções para não perderem o trem da história".

Já o presidente do PSDB no Es-

Arquivo

tado, deputado Adroaldo Streck, comentando a importância do acordo, disse que o objetivo "é unir todas as forças que estiverem coesas no 2.º turno das eleições presidenciais". Para ele esta união deve ter como princípio geral "a oposição ao governo atual".

Momento grave

Por sua vez, o presidente regional do PCdoB, Edson Silva, que se candidatará a deputado federal ou a suplente de senador, disse estar "realmente convencido de que este ato político transcende o objetivo eleitoral. As assinaturas registradas neste protocolo são a síntese de três meses de intenso trabalho, que na sua origem tinha e continua tendo o objetivo de trazer a esta mesa o PT, o PMDB, o PSB e o PCB". Referindo-se à conjuntura nacional, Edson opinou: "É necessário que todas as forças políticas progressistas reflitam sobre a gravidade do momento político e se identifiquem com a defesa dos interesses nacionais e das liberdades, seriamente ameaçadas pela política do governo Collor".

Além da candidatura a suplente de senador e a deputado federal, o PCdoB no Rio Grande do Sul lançou a candidatura de Jussara Cony a deputada estadual. (Mauro Gaglietti)

Coligação democrática no PR

União obrigatória

A tendência para a formação de uma frente progressista no Paraná consolidou-se no dia 19 de maio, quando o Encontro do PSDB do Paraná, em Curitiba, reuniu, além de nomes nacionais do partido, como o senador Mário Covas e o ex-governador Mario Montoro, o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga e o governador Tasso Jereissati, os partidos que comporão no Estado a coligação para enfrentar os candidatos de Collor e de Álvaro Dias.

A presença do PDT, que indicará o candidato a vice na chapa encabeçada por José Richa e o senador, juntamente com o PCdoB e o PCB, sedimentou a articulação que no Paraná será o obstáculo ao avanço da direita e dos setores conservadores. O encontro massivo na Assembléia Legislativa, teve na mesa dos trabalhos, além dos nomes de destaque nacional, o presidente do PCdoB no Estado, Jorge de Souza, e o prefeito de Curitiba, Jaime Lerner.

Ao discursar, o presidente do PSDB do Paraná, o ex-ministro Deni Shwartz defendeu a união dos partidos progressistas como forma de derrotar "os germes da ditadura que estão brotando no governo Collor", num alerta para o risco de uma política fascizante no país, através da imposição de medidas impopulares, "de forma antidemocrática, que afronta a consciência do mais simples dos brasileiros".

Com posições também contundentes e recebido entusiasmamente pelo público, o ex-governador José Richa, candidato a governador pela coligação, fez duras críticas ao Plano Collor. Richa assegurou em seu discurso que "as alianças políticas com as outras agremiações assegurarão uma administração democrática, participativa e acima de tudo, onde o diálogo será permanente. Entendo - acrescentou - que as alianças a serem feitas este ano são muito importantes para a constituição de bancadas sólidas, democráticas". Ele destacou em seu pronunciamento que a união dos partidos progressistas "se faz obrigatória para que se possa enfrentar a direita no país e no Paraná".

Durante o encontro, o líder do PSDB no Congresso, o deputado federal paranaense Euclides Scalco, afirmou que "o que vemos é um constante desrespeito às instituições jurídicas e políticas do país, porque a Medida Provisória passou a ser norma para o governo Collor. Eles baixam uma nova portaria para revogar outra baixada por eles mesmos", ironizou o deputado.

Passo decisivo

Com enorme repercussão na imprensa, o encontro do PSDB com os partidos de esquerda acabou registrando a presença do Partido Comunista do Brasil como um dos fatores que definiu o perfil

Marco Aurélio Couto



José Richa, candidato das forças democráticas do Paraná numa coligação entre PSDB, PDT, PCdoB e PCB

da frente democrática no Estado. Com a presença do PCdoB, PCB e PDT na coligação, ficou afastada a aliança com o PTB, que pretendia, com o banqueiro José

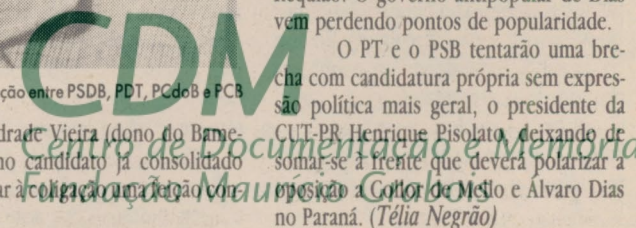
Eduardo Andrade Vieira (dono do Bamerindus), como candidato à consolidação a senador, dar à coligação uma direção conservadora.

Este importante fato político foi classificado pelo presidente do PCdoB no Paraná como "um passo decisivo para selar a aliança entre os setores democráticos e progressistas no Paraná, e criar as condições para a eleição de um deputado estadual pelo partido, o que será indispensável para consolidar o PCdoB no Estado".

No dia 21, outra reunião entre os presidentes dos partidos selou a coligação, que passa agora a debater a composição da chapa majoritária, o programa e o encaminhamento concreto da campanha. O PCdoB considera fundamental que estas vagas sejam preenchidas com candidatos de trajetória democrática, e possam assegurar a feição pretendida pelos partidos na coligação.

Com este quadro configurado, a candidatura de José Carlos Matinez, pelo PRN, ao lado de outros partidos de direita, terá dificuldades de disputar o segundo turno. O favoritismo indiscutível de Richa, tanto nas pesquisas de opinião formais, como nas massas populares, deixa em situação desfavorável também o candidato de Álvaro Dias, do PMDB, Roberto Requião. O governo antipopular de Dias vem perdendo pontos de popularidade.

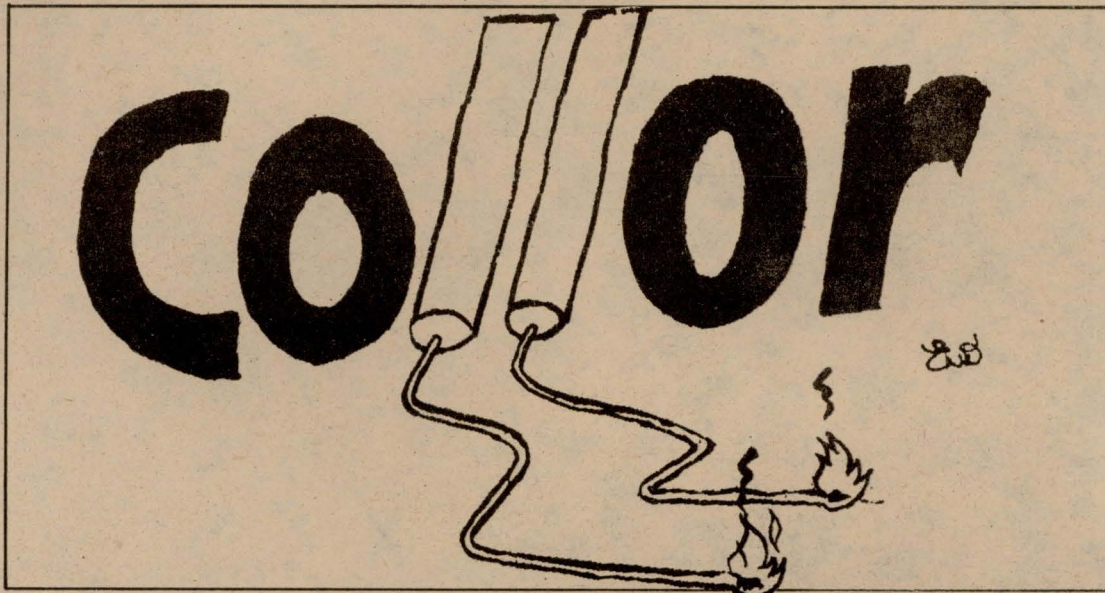
O PT e o PSB tentarão uma brecha com candidatura própria sem expressão política mais geral, o presidente da CUT-PR Henrique Pisolato, deixando de somar-se à frente que deverá polarizar a oposição a Collor de modo a eleger Álvaro Dias no Paraná. (Télia Negrão)



O centro tenta contornar a crise

Inspirado na idéia de criar "um eixo do poder no Congresso que contribua para a governabilidade", surgiu recentemente uma estranha articulação entre alguns cardeais da política conservadora autointitulada "grupo de governabilidade". O grupo reúne lideranças aparentemente díspares mas que na prática têm mostrado muita afinidade: Guilherme Afif, do PL, tido como seu idealizador, Jorge Bornhausen, do PFL, que ofereceu sua casa para sediar as reuniões, Íbsen Pinheiro, líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Luís Eduardo Magalhães, filho do cacique pefelista baiano Antonio Carlos Magalhães e o senador peessedebista Fernando Henrique Cardoso.

O "grupo de governabilidade" pretende galvanizar a maioria do Congresso Nacional e servir de fiel da balança nos momentos das votações decisivas. Durante a discus-



são das Medidas Provisórias do Plano Collor o grupo na maioria das vezes alinhou-se com as posições governistas e serviu de instrumento no esforço para isolar a esquerda.

O surgimento dessa articula-

ção é um dos sintomas da crise política que começa a minar as bases do governo Collor. A resistência dos trabalhadores aos efeitos lesivos da política econômica e as sucessivas trapalhadas da equipe econômica es-

tão levando o governo a um progressivo desgaste. Vai-se tornando difícil encontrar apoio político e as bases de sustentação parlamentar diluem-se cada vez mais. No próprio centro do poder a crise vem à tona, através

das querelas entre ministros e das trombadas entre a ação política governamental e a ordem constitucional. O ministro da Justiça, Bernardo Cabral, não consegue desempenhar o papel de "articulador político do governo" e choca-se frequentemente com a equipe econômica e as próprias lideranças governistas no Congresso.

Nesse quadro, o "grupo de governabilidade" pretende ser uma alternativa do centro a fim de contornar uma crise política cada vez mais próxima. Seus integrantes, velhas raposas protagonistas de uma política antiquada, só não estão levando em conta que o pavio da conjuntura nacional é curto e que podem implodir em definitivo quando desabar o castelo de areia em que se abriga o governo atual.

A esquerda não se isolou

A etapa preparatória do embate eleitoral de outubro próximo está praticamente encerrada. Na maioria dos estados foram seladas coligações para as disputas proporcionais e majoritárias que colocam as forças progressistas em posição favorável. O aspecto mais saliente é que as correntes políticas de esquerda que atuaram com lucidez conseguiram evitar o isolamento que a direita quis impor. Em geral as alianças envolvem um amplo arco de

forças que, se conduzirem bem a campanha e mobilizarem o povo, poderão conquistar expressivas vitórias em diversos Estados. Nesse processo foi notável a conduta política do Partido Comunista do Brasil. Na tentativa de isolar a esquerda os inimigos do povo se esforçaram particularmente para impedir a presença dos comunistas nas alianças eleitorais. Com muito discernimento o PCdoB venceu obstáculos, negociou acordos com sabedoria, contribuiu pa-

ra aglutinar correntes afins e começa a campanha politicamente bem situado, incorporado em frentes de perfil democrático, progressista e de esquerda e com fortes candidatos à Câmara Federal e às Assembleias Legislativas. O correto posicionamento da legenda comunista, fruto de uma orientação justa que visa à unidade das forças democráticas e populares a fim de desenvolver a oposição conseqüente ao governo Collor refletiu-se também no cresci-

mento das filiações e na organização de diretórios e comissões provisórias em centenas e centenas de municípios, habilitando assim o partido a concorrer ao pleito em todos os Estados, de acordo com as normas estabelecidas pela Justiça Eleitoral.

Votar 65

O Tribunal Superior Eleitoral realizou novo sorteio da numeração dos parti-

dos políticos. A partir de agora o número do PCdoB para efeitos eleitorais é 65. Coligada com outros partidos progressistas, a legenda comunista já está em plena campanha pela vitória dos candidatos aos cargos majoritários indicados pelos aliados e pela eleição de seus próprios candidatos a deputados federais e estaduais. Votar PCdoB, votar 65 é uma forma dos explorados e oprimidos lutarem por um Brasil livre, democrático e soberano.

NAS ENTRELINHAS DA NOTÍCIA

Clóves Wonder

Eles só publicam o que lhes interessa

O grande mote da pseudomodernidade defendida pelas classes dominantes no Brasil e em outros países periféricos e dependentes, repetindo como papagaios teses pregadas pelo grande capital financeiro e monopolista internacional, é o modelo de desenvolvimento de determinados países que cresceram rapidamente nos últimos anos. E em função disso, apelam para tudo a fim de manter o mito do desenvolvimento capitalista dependente, que eles taxam de moderno. É o caso do exemplo da Coreia e de outros países asiáticos. Os meios de comunicação, dominados já se sabe por quem, mantêm o coro da omissão ou da mentira.

Exemplo coreano

Um exemplo é o que vem acontecendo com a Coreia, num processo de verdadeira sublevação de setores empobrecidos da população, desempregados e estudantes alertas para a falta de perspectivas diante do modelo econômico dependente. A imprensa brasileira e principalmente os meios de comunicação eletrônicos, não têm dado nenhuma importância a fatos que, se acontecidos em outros países, seriam manchetes e tomariam o maior espaço do noticiário.

Dezenas de milhares de estudantes nas ruas num dia, choques com a polícia, mortos, feridos, centenas de prisões. Nenhum destaque, no Estadão, na Folha ou no JB. Por que isso? Não

há dúvida de que é para não mostrar a desintegração do sistema coreano, tão freqüentemente apontado como modelo a ser seguido pelo Brasil e outros países.

Guerra civil em NY

Em Nova Iorque nas últimas semanas, ocorreu uma conflagração entre negros dos bairros miseráveis da zona norte da cidade e imigrantes coreanos e vietnamitas que dominam o pequeno comércio da região. Já houve ataques que acabaram em mortes, incêndios colossais de quarteirões inteiros, prisões. A conflagração continua. Mas no noticiário dos jornais, das TVs e emissoras de rádio, mal é mencionada. Tudo para não dizer que a vitrine mun-

dial do capitalismo vive seus problemas insolúveis e não colocar em xeque toda a propaganda que se faz do modelo americano.

E a Intifada?

Sim, os meios de comunicação têm dado notícias mais freqüentes do levante palestino nos territórios ocupados ilegalmente por Israel. Mas só quando a coisa fica impossível de se esconder, como o massacre ocorrido nos últimos dias. Mas é provável que muitos editores e capitães da imprensa não dariam nada se não fosse a pressão internacional dos árabes, porque afinal Israel é um país que ainda serve de "modelo" para países dependentes.

Até aqui há boicote

Mas não é só com acontecimentos internacionais que a imprensa brasileira tripudia sobre a verdade e os fatos. As recentes reuniões de empresários progressistas e democráticos com setores combativos do movimento sindical para traçar uma estratégia de resistência ao Plano Collor, não foram noticiadas por nenhum jornal ou emissora de TV. E olhem que essas reuniões envolvem a CUT, o PNBE, o FOPEME, os Empresários Cristãos, a OAB, a Cebracan e outros organismos representativos. Mas não, eles só noticiam a reunião feita pelo governador Orestes Quêrcia com os megaburgueses da CGMendo Luiz Medeiros à frente e a Fiesp, para discutir medidas anti-recessivas.

Greves põem governo em xeque

Irasson Cordeiro Lopes e Rosane Montiel

Não foram poucos os obstáculos, mas após os quase 80 dias completos de governo Collor, o movimento sindical volta a contar com novo poder de fogo. São grandes mobilizações de trabalhadores pipocando por todo o país. Greves, passeatas, atos de protesto, tomam as ruas. Palavras de ordem que falam de aumentos reais, jornada de trabalho, estabilidade, etc., chegam aos ouvidos sensíveis de Collor de Mello e Zélia Cardoso.

O governo se agita. Há um mar de trapalhadas jurídicas que vem abalando a imagem do presidente. E o pior: as medidas econômicas que daí saíram atingem drasticamente a vida dos trabalhadores. Não é à toa, portanto, as manifestações do movimento sindical e popular emergentes e, ao mesmo tempo, a reação do dileto pau-mandado dos interesses empresariais, o ministro do Trabalho. Magri quer um paliativo; já começa a se articular na área sindical e empresarial para buscar uma fórmula de reposição salarial que seja de consenso desses setores.

Na verdade, o Ministério do Trabalho quer uma política salarial que vigore por apenas 3 meses, visando repor somente baixos índices de inflação, como o apontado pela Fundação Instituto de Pesquisa e Estatística - Fipe - em abril, 3,29%. A idéia é conter a forte reação dos trabalhadores no Congresso contra a recém implantada livre negociação e amenizar a insatisfação dos assalariados, que começa a ganhar corpo.

Ventos de maio

Uma poderosa safra de campanhas pela recuperação dos salários começa a se alastrar pelo país. Os trabalhadores mobilizados souberam, seja pela greve nos casos mais extremos ou pela negociação, arrancar dos patrões conquistas importantes para atenuar a política de terra arrasada sobre os salários, implantada pelo Palácio do Planalto com a conivência da maioria conservadora do Congresso Nacional.

Exemplos dos sinais de ascensão da luta dos trabalhadores temos muitos. E aqui vão apenas alguns. Judiciários de São Paulo iniciaram greve no dia 8 após uma assembléia que contou com 1.400 servidores, pleiteando a aceleração pela Assembléia Legislativa da votação de um projeto de lei do Tribunal da Justiça, pre-



Os trabalhadores começam a romper o cerco da recessão e partem para protestos



A greve dos condutores de São Paulo preparou a categoria para novas ofensivas contra o Plano Collor

viendo um regime especial de trabalho e 180% de reajuste salarial. Até o fechamento desta edição, a greve prosseguia aguardando a votação.

Ainda no Estado de São Paulo, cerca de 3 mil metroviários aceitaram, depois de luta renhida, a contraposta da Campanha do Metropolitano, que concede 44% de reajuste sobre o salário de abril. A unidade da categoria em torno do sindicato foi decisiva para o resultado da negociação. Foram por água abaixo as pretensões da empresa. Queriam aumentar a jornada de trabalho de 36 para 40 horas mensais dos 3,5 metroviários do setor operacional, o que é claramente inconstitucional.

Lição importante que se deve tirar desses acontecimentos é a unidade das categorias e o resultado de suas ações conjuntas. Os metroviários não chegaram à greve, já que a categoria julgou razoável o reajuste de abril, mas mantiveram apoio total aos colegas motoristas e cobradores, em greve desde o dia 22. O mesmo fizeram os trabalhadores da Sabesp e Cetesb. Negociaram com o governo do Estado. Os trabalhadores da Sabesp fecharam acordo com a empresa. Os da Cetesb decidiram pela paralisação mas acabaram também por conseguir um acordo. O sucesso da pressão dessas categorias deve-se às reuniões conjuntas que

elas promoveram, através das diretorias dos respectivos sindicatos.

Condutores da luta

A paralisação dos transportes aconteceu em diversas capitais em todo o país. Na Bahia a adesão à greve foi total. Nenhum dos 1.800 ônibus circulou no dia 22, quando teve início o movimento. Em julgamento realizado no TRT, dia 23, os rodoviários da Bahia, conquistaram o reajuste de 165%. Também em Vitória-ES, Teresina-PI, São Luís-MA, as paralisações contaram com 100% de adesão. No interior paulista, na cidade de Bauru, os motoristas cruzaram

os braços reivindicando a reposição das perdas que o Plano Collor provocou nos salários. Na região do ABC-SP, um disparate: enquanto os motoristas da cidade reivindicavam 120% de aumento as prefeituras acenam com os irrisórios 12%. Em Brasília e em Goiânia, as greves terminaram na tarde do dia 22, servindo de estímulo à mobilização mais organizada de outros setores.

Serve de estímulo aos protestos dos trabalhadores também a incompetência do governo, responsável por ter ressuscitado os fantasmas da recessão, e da inflação, alimentando-os com o confisco dos salários. O crescimento do desemprego é outro indicativo alarmante do estrago que um governo reacionário, de tendência claramente fascista pode fazer. Só em São Paulo, durante o mês de abril, o desemprego cresceu 14%, o que em números representa 861 mil pessoas desocupadas. Na região da Grande São Paulo, 107 mil pessoas perderam seu emprego em abril. É um indicativo de que é rápida a deteriorização do mercado de trabalho (veja gráfico na página ao lado).

O grito das ruas

Os sindicalistas devem saber canalizar o sentimento de indignação nacional que ora vai surgindo. Dias atrás o presidente Collor foi vaiado em alto e bom som quando descia a rampa do Planalto por uma manifestação de professores por melhores condições de trabalho. É o primeiro passo para reter as pretensões de um governo de tresloucados, que crêem que o estopim da bomba inflacionária são os parcos salários dos trabalhadores.

Para o presidente da CUT, Jair Meneghelli, "há um clima para se discutir a realização de uma greve geral". Segundo Meneghelli, a popularidade do governo cai aceleradamente e, em consequência disso, aumenta a mobilização dos trabalhadores.

Outro sindicalista que acredita na retomada da ascensão da luta sindical, é o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho. Em recente declaração à imprensa, disse: "Chega de ficar na defensiva. O movimento sindical deve partir para a ofensiva".

Terrível presente de grego

Ao decretar a "livre negociação" numa conjuntura marcada pelo desaceleramento econômico drástico, o governo torna ainda maiores as perdas salariais dos trabalhadores com o Plano Collor, e alimenta outros fenômenos, como o desemprego e a redução das jornadas.

O governo Collor surpreendeu até mesmo seus aliados defensores do arrocho salarial ao anunciar dia 16 a livre negociação como instrumento de reposição salarial e o fim da prefixação. Extinguiu a prefixação através de um artifício: portaria do Ministério da Economia estabeleceu em 0% o índice inflacionário dos próximos 3 meses, driblando a Lei 8.070. Com isso, Collor desincumbiu-se dos assalariados, entre esses os "descamisados" e "pés descalços", deixando-os a mercê de um quadro de profunda recessão.

O Secretário da Economia, Antonio Kandir, ao afirmar no dia 17 que "se a inflação caiu para 3,29% segundo a Fipe, não tem mais sentido manter a prefixação", nada fez senão reconhecer como legítimos os dados fornecidos por aquela instituição acerca da inflação de abril. A própria ministra Zélia Cardoso de



Mello, desconsiderou suas afirmações anteriores de que utilizaria os dados apontados pela Fipe para o ajuste de salários.

O novo arbítrio sobre os salários criou celeuma dentro do próprio governo. O ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, afirmou que não é contra a livre negociação, mas acha que o governo deveria garantir pelo menos a reposição dos 3,29%. Com isso, reafirma por um lado a incoerência das medidas e por outro a sua condição de vassallo do governo.

Os trabalhadores e a população em geral iniciaram uma reação à violência da determinação do presidente Collor. Começam a pipocar assembleias contrárias a redução das jornadas de trabalho e greves reivindicando os reajustes referentes às perdas salariais acumuladas, como apontamos na matéria ao lado.

Setores do empresariado, fortes defensores do arrocho, demonstraram-se surpresos com a atitude do go-

verno. Roberto Della Manna, diretor da Fiesp, que a princípio considerava a portaria justa, foi obrigado a reconhecer que causará sérios prejuízos aos trabalhadores.

A nova medida que a ministra Zélia sacou da cartola arrochou ainda mais os salários. Assim mesmo, ela desconversa afirmando que não há recessão muito menos arrocho. Os cálculos do Dieese que analisam o custo de vida apontam que somente em

abril a inflação foi de 22,29%, o que corresponde a uma perda real de aproximadamente 18,23%.

Mas os prejuízos revelam-se ainda maiores para os assalariados quando se analisa um período maior. Só nos três primeiros meses de 1990, houve uma queda de 23,4% no poder aquisitivo dos ordenados. Quando for possível acrescentar a isso o desfalque de abril, ficará evidente que o Plano Collor provocou um arrocho muito mais severo que todos os ataques anteriores aos interesses dos trabalhadores.

Esses dados tornam-se ainda mais absurdos com a constatação de que a população de menor renda foi a mais atingida pelas perdas. Na Grande São Paulo os 25% da população que recebem até um salário mínimo, tiveram seu poder de compra diminuído em 32,4% entre março de 85 e março de 90 (ver tabela abaixo). Esse é o menor salário mínimo da história, correspondente a 1/4 ou 23% do primeiro salário mínimo implantado em junho de 1940.

O fato é mais alarmante se pensado em termos de Brasil. Segundo o IBGE, 35,9% da população recebe até um salário mínimo; 60,9% recebe até dois. Um trabalhador que ganha um salário mínimo e sustenta uma família de quatro pessoas, necessitaria trabalhar 558 horas por mês (24 horas por dia, durante 23 dias do mês) para adquirir a cesta básica de alimentos. O desemprego é outro dado característico da atual conjuntura econômica. Ele está atingindo os níveis mais altos de crescimento da história. Só em abril houve um aumento alarmante da taxa de desemprego (veja gráfico abaixo).

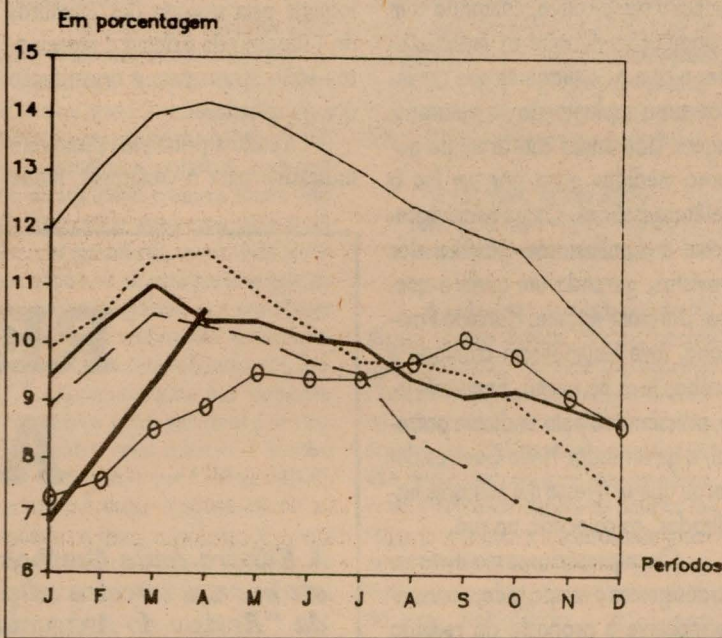
Outro elemento importante que interferiu na perda do poder aquisitivo dos trabalhadores foi a redução da jornada de trabalho em várias empresas com redução dos salários. Tal mudança permitiu que os empresários repassassem aos trabalhadores a perda de uma pequena parcela de seus lucros, decorrente da fragilização da economia.

Lágrimas de crocodilo

O movimento popular não pode se iludir com as recentes declarações feitas pelo ministro Rogério Magri e pelo próprio presidente Collor, que nos últimos dias se disseram favoráveis a adoção de uma política salarial "de emergência", para salvaguardar os salários "dos mais pobres". Na verdade tais afirmações não passam de uma manobra do governo, que se isolou politicamente ao decretar a "livre negociação" e teme agora sofrer uma grande derrota política, ao ver aprovadas no Congresso regras salariais substancialmente distintas das que queria adotar. É fácil compreender a jogada. Logo após a edição da portaria que fixou em zero os reajustes mínimos dos trabalhadores, começou no Congresso Nacional um amplo movimento de resistência, que pode levar à elaboração "em regime de urgência" de uma política alternativa para os salários. Os partidos de esquerda foram os primeiros a levantar a voz contra o ato da ministra Zélia. Mas quase imediatamente o líder do PMDB, deputado Ibsen Pinheiro, assumiu a tarefa de coordenar uma série de encontros com líderes sindicais para ouvir deles sugestões para uma nova lei salarial. Pres-

sionados pela aproximação do pleito de outubro, até mesmo alguns dos partidos que apóiam Collor procuraram mostrar-se distantes dos planos de arrocho. "Está muito difícil dar sustentação a este governo", chegou a declarar o deputado Gastone Righi, líder do PTB na Câmara. Foi então que teve início um esforço do governo para evitar uma derrota de proporções mais graves. No dia 22, o ministro Magri propôs uma lei salarial "de emergência", para durar "por três meses", "até que patrões e empregados se acostumem com a livre negociação", segundo suas próprias palavras. Um dia depois, ao conceder entrevista coletiva, o presidente Collor voltou a acenar com um recuo, propondo "garantias" para os salários mais baixos, que segundo ele estão no centro das preocupações do governo. São lágrimas de crocodilo, evidentemente. O movimento sindical precisa agora pressionar firmemente o Congresso, que, em fim de mandato, pode ser levado a votar sem delongas uma lei salarial que se oponha ao hiper-arrocho tramado pelo Palácio do Planalto.

TAXAS DE DESEMPREGO TOTAL E ABERTO NA GRANDE SÃO PAULO



ASSALARIADOS			Base: Média de 1985 = 100
Ano	ÍNDICE DE RENDIMENTO MÉDIO REAL		MÉDIA TOTAL DE ASSAL.
	MESES	GRUPO 1	
1990	JAN	81,1	84,1
	FEV	74,3	78,3
	MAR	67,6	71,8
	Variação em relação a 1985	-32,4	-28,2

FONTE: Convênio SEADE/Dieese.
NOTAS: Grupo 1 - corresponde aos 25% do total dos trabalhadores com rendimentos de até um salário mínimo.

CSC avalia atual conjuntura

O 1º Seminário da Corrente Sindical Classista da CUT, realizado no Sindicato dos Metroviários de São Paulo nos dias 12 e 13, serviu de orientação para as lideranças classistas dos 16 estados ali representados. Nele, se avaliou a situação nacional, os problemas econômicos que o país atravessa, também se discutiu a questão organizativa da Corrente a nível nacional dentro da Central Única, mas mantendo sua independência como corrente de pensamento sindical.

Durante o seminário, além das discussões em torno do Plano Collor, movimento sindical e atuação da CSC na CUT, dentre as várias deliberações, houve a que prevê o ingresso dos sindicatos dirigidos pela Corrente à CUT, preparação para participar dos congressos estaduais da CUT (alguns ocorre-

rão ainda este ano) e do congresso nacional, marcado para setembro de 1991.

Presentes ao evento, o presidente nacional do PCdoB, João Amazonas, o jornalista Duarte Pereira, o diretor técnico do Dieese, Sérgio Mendonça, o sindicalista José Ibrahim, do PDT, além dos dirigentes nacionais da Corrente, Sérgio Barroso, Vagner Gomes e Nilvaldo Santana, entre outros.

João Amazonas elogiou a postura da CSC em convidar partidos políticos para participar de seu seminário. Ele disse encarar a luta sindical como parte da grande luta social e política dos trabalhadores em cada país e no mundo todo. "Porque nós vivemos um momento em que é necessário mais e mais o encontro dos trabalhadores para debaterem seus problemas", afirmou.



João Amazonas, presidente nacional do PCdoB, fez exposição sobre a situação nacional

Motoristas em greve

atropelam Plano Collor

Na tarde do dia 21, cerca de 3 mil motoristas em assembleia na praça da Sé, no centro velho de São Paulo, decidiram pela deflagração da greve. O presidente do Sindicato dos Condutores, Edivaldo Silva foi contra, achando a decisão uma atitude suicida. Ele é ligado a grupos trotskistas do PT.

A paralisação não foi total, mas atingiu pesadamente a rotina da cidade, muitos estabelecimentos não abriram por falta de funcionários. Motoristas e cobradores reivindicam 71,62% de reposição das perdas salariais de abril, além dos 22% do Índice de Custo de Vida (ICV) do Dieese, já concedidos pela Prefeitura. Um motorista e um cobrador de São Paulo recebem, respectivamente, Cr\$ 26.429,00 e Cr\$ 15.257,00.

A contraproposta da Prefeitura, até o fechamento desta edição, era de 15% em junho e julho ou o índice do Dieese, caso ele seja maior.

Em Belém do Pará a greve dos rodoviários que terminou no dia 15 e teve duração de 9 dias, buscou arrancar do governo a reposição salarial referente ao período de 15 de março a 15 de abril; redução da jornada de trabalho para 6 horas (atualmente é de 7h45); passe livre, estabilidade de 1 ano e cumprimento dos acordos entre a categoria e empresários.

A adesão da categoria foi de 100% e o grau de mobilização foi muito significativo, contando com a população durante as manifestações e com os estudantes que reivindicavam a implantação da meia-passageira. Lideranças cobraram do governo medidas para pôr um fim à violência policial. Os policiais agrediram a manifestação pacífica dos grevistas, gerando um quebra-quebra. Um manifestante, Haroldo Pamplona, teve traumatismo craniano e recebeu tiros na perna. Enquanto isso, pressionado pelo sindicato patronal, o governador Hélio Gueiros declarou que se tivesse mil militares habilitados, os colocaria na rua.

Os empresários se mantiveram intransigentes o tempo todo, recusando inclusive a proposta da reunião de conciliação, na qual os juizes apresentaram o índice de 56% como solução. Após o julgamento final, o empresariado pôde sentir o preço da arrogância: os rodoviários conquistaram 106,3% de reajuste; 60 dias de estabilidade retroativa a 1 de maio, fardamento, 100% sobre as horas normais para serviços extraordinários, entre outras conquistas sociais.

Adiado o V Contag para 1991

O V Congresso da Contag não se realizará mais neste ano. Segundo o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás, Divino Goulart, a decisão foi tomada pela maioria dos membros do Conselho da Contag e representou sério atraso para a organização dos trabalhadores.

Tendo a princípio, como mês indicativo para o congresso, junho

próximo, o Conselho da Contag vinha há tempos tentando adiar o evento de maior importância para os trabalhadores do campo. "Os setores mais atrasados do sindicalismo rural, em maioria, relata Divino, jogaram a realização do V Congresso para novembro de 1991."

Os segmentos democráticos e progressistas da luta do campo, buscaram convencer os demais sindi-

calistas da necessidade premente de um poderoso congresso em Brasília dos trabalhadores rurais diante do novo contexto que o país vive. Chegaram a propor maio de 1991 como data alternativa, porém venceram os que não querem ver os trabalhadores do campo mais politizados e organizados em torno de suas históricas reivindicações.

REVISTA DO ARAGUAIA

A Editora Anita Garibaldi publicará em breve a terceira edição, ampliada, da "Revista do Araguaia". Para produzir uma publicação ainda mais completa e detalhada ela precisa da colaboração de todos os que possuem algum tipo de informação sobre este movimento.

Estamos apelando a você, que conheceu algum dos guerrilheiros ou seus familiares; que possui alguma foto ou material escrito ou gravado sobre a guerrilha ou seus

participantes; que patrocinou ou sabe de alguma homenagem prestada a eles, como denominação de ruas, praças, centros acadêmicos, grêmios estudantis, ou outras. Entre em contato conosco. Ajude a resgatar uma parte da história de nossas lutas populares.

Escreva, compareça ou telefone para a Editora Anita Garibaldi. Rua dos Bororós, 51 - 1º andar - Bela Vista - CEP: 01312 São Paulo - SP. Fone: (011) 278.3320

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Cinco milhões de assinaturas contra Collor e o desemprego

Rogério Siqueira

A Confederação Nacional das Associações de Moradores articula um abaixo-assinado nacional contra a recessão e a política econômica que está por trás dela, e planeja uma ampla denúncia do novo governo entre os descamisados e os pés-descalços.

Denunciar o governo Collor ao eleitorado que mais fortemente contribuiu para que ele chegasse à presidência. Este é objetivo central que passou a ser perseguido pela Conam - Confederação Nacional das Associações de Moradores - desde o último mês de março, quando começou a circular um abaixo-assinado patrocinado pela entidade e que visa obter mais de 5 milhões de subscrições em protesto contra o maior arrocho salarial da história do país.

Na última semana, o presidente da Conam, Vladimir Dantas, recebeu *A Classe Operária*, e expôs em detalhes os projetos que a associação que preside tem para atingir tal objetivo. A íntegra da entrevista segue abaixo:

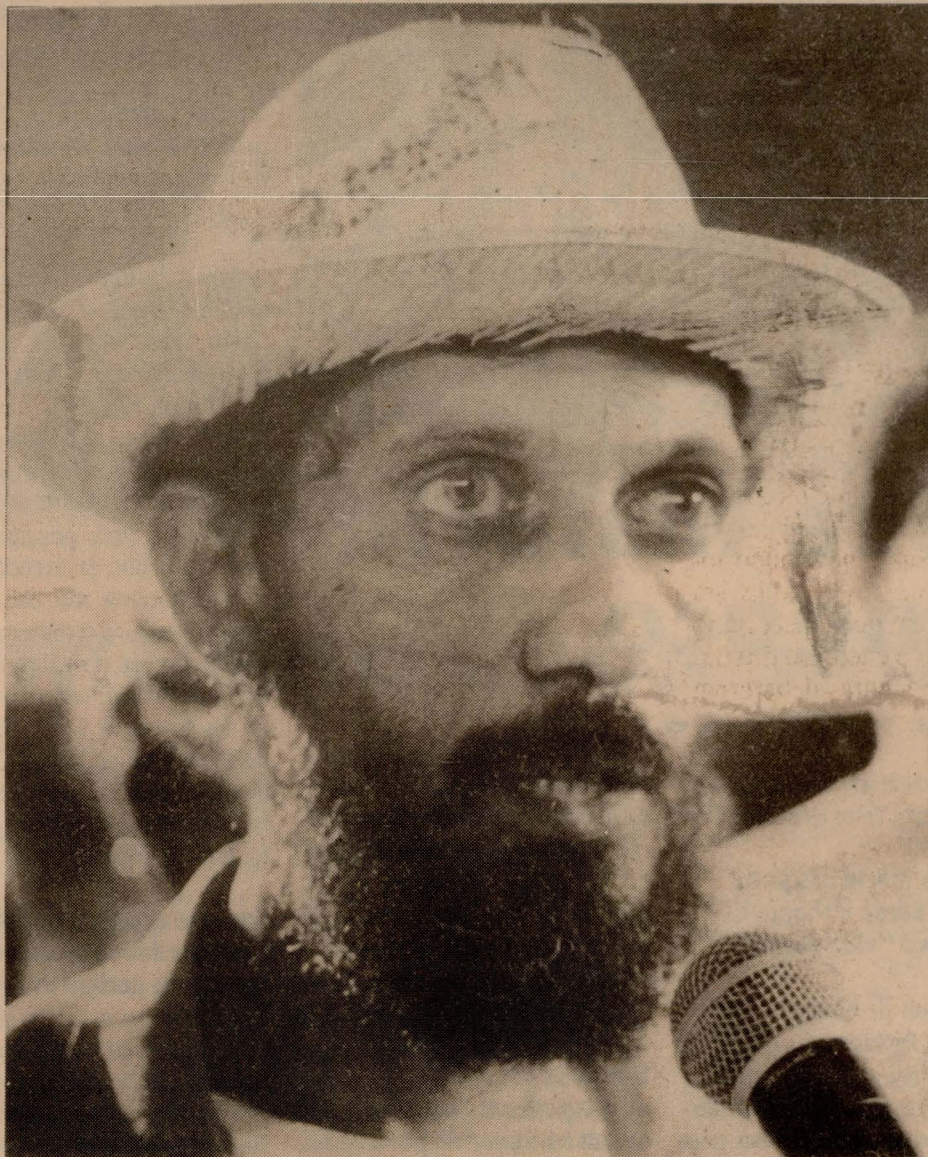
Classe - A Conam (Confederação das Associações de Moradores) lançou um movimento nacional contra a carestia, a fome, e a miséria através de um abaixo-assinado a ser entregue ao presidente da República. Qual o objetivo principal deste abaixo-assinado?

Vladimir - O nosso objetivo principal é mobilizar a população brasileira através de suas diversas organizações, como as associações de moradores e os movimentos populares e sindicais, para fazer uma grande manifestação em Brasília no sentido de reivindicar pontos básicos e fundamentais de melhoria de vida da população, principalmente por causa da implementação deste quadro recessivo resultante do Plano Collor. Nós entendemos que se agrava cada vez mais a situação em que vive o povo brasileiro. Este abaixo-assinado busca, em última análise, pressionar, responsabilizar e sensibilizar o Governo Collor ante esta situação caótica que se agrava a cada dia mais.

Classe - Qual é o quadro atual de assintura já colhidas, e quanto a Conam pretende atingir até a entrega do abaixo-assinado ao presidente Fernando Collor?

Uma ação contra o desemprego, a fome e a falta de moradias

Vladimir - A Conam lançou este abaixo-assinado em março, fruto de discussão efetuada logo após a posse do novo governo, e hoje mais de quinhentos municípios de todo o Brasil já participaram do movimento contra a



Vladimir Dantas, da Conam: "Um governo contra os descamisados"

carestia, fome e miséria. Esperamos coletar alguns milhões de assinaturas, faremos um balanço mais detalhado na próxima reunião do Conselho Deliberativo da Conam nos próximos dias 8, 9 e 10 de junho, quando também será definida a data de entrega do abaixo-assinado numa grande manifestação em Brasília com a presença de caravanas de todo os estados do país.

o que nós já podemos sentir em termos de efeito do abaixo-assinado é o bom nível de discussão em torno deste movimento no conjunto das associações de moradores, uma vez que todos os pontos do abaixo-assinado se interligam, tratando da questão habitacional, do problema da fome das nossas crianças e principalmente da recessão provocada pela inflação que ficou embutida no plano, dos preços que já começam a subir novamente, o desemprego que se acelera, além do problema da dívida externa e reforma agrária.

Com a intensificação e ampla divulgação do abaixo-assinado nos meses de maio e junho, poderemos chegar a mais de cinco milhões de assinaturas.

Medidas que abrem espaço para agravar ainda mais a espoliação imperialista

Classe - As principais reivindicações deste movimento pela Conam foram motivadas pelas medidas antipopulares do Plano Collor, qual é a expectativa da entidade com relação ao novo governo federal?

Vladimir - A Conam vem discutindo desde o começo deste ano a problemática da fome que campeia, em nosso país, além do desemprego e a recessão. E com o advento do governo Collor nós entendemos que a tendência é a situação se agravar, isso fez com que a nossa entidade redobrasse os esforços em defesa do movimento popular.

As medidas do atual governo federal além de extremamente recessivas, abrirão mais ainda o nosso país à exploração imperialista através das facilidades de entrada do capital estrangeiro e da desnacionalização da nossa economia. Além disso, o governo Collor não tem demonstrado o mínimo de interesse em discutir com o movimento popular, ao contrário se mostra totalmente fechado tomando

atitudes antipopulares sem discussão prévia com as entidades populares, como foi o caso da suspensão do programa do leite por parte do governo sem ter dado uma digna satisfação ao grande número de pessoas carentes que se viram prejudicadas.

Não se toca na questão agrária, e volta remessa de dólares aos credores

Classe - Quais são as reivindicações da entidade?

Vladimir - Perante este quadro de fome, recessão e alto índice de desemprego a tendência é que a situação do povo se agrave cada vez mais, a Conam já vem discutindo esta situação e nos próximos dias 8, 9 e 10 de junho a entidade se reunirá para tirar uma posição com relação ao governo Collor principalmente por causa das medidas antipopulares deste pacote baixado em 15 de março.

Neste sentido a grande maioria das entidades populares já vem discutindo em seus fóruns os efeitos do pacote, e até tirando deliberações importantes, como foi o caso da Federação das Associações de Moradores do Rio Grande do Sul, que através do seu Conselho Deliberativo, decidiu oficialmente se opor ao pacote por considerá-lo recessivo, antipopular e de caráter entreguista. Da mesma forma nós também entendemos que não há benefício algum ao povo brasileiro quando se arrocha salários, não se toca na questão agrária nem se toca no problema da dívida externa. Ao contrário, o presidente Collor em recente pronunciamento disse que irá pagar em breve cerca de 5 milhões de dólares aos banqueiros internacionais, sendo que este valor seria suficiente para centuplicar o programa do leite, uma vez que o custo anual de tal programa não passa de 0,9% deste mesmo valor.

Maiores vítimas são "pés descalços" e descamisados, que deram seu voto a Collor

Por outro lado, nós sabemos que todos esses recursos que saem do país com a desculpa de pagar uma dívida externa que já está mais do que paga, seria suficiente para construir em nosso país milhões de habitações, gerando mais emprego, proporcionando o desenvolvimento de programas sociais para a construção de creches, escolas e melhoria das condições de saneamento à população carente. Mas infelizmente o atual governo se mostra recessivo, antipovo, e só está prejudicando os descamisados, os pés descalços e a população carente do Brasil.



"Lampião" (n.º 5) e seu grupo: nem monstros saguinários, nem Robin Hoods do sertão

Uma breve história do cangaço (fim)

Pedro Carvalho Lopes *

O início do século marcaria, na história do Nordeste, o surgimento do bando de Virgulino Ferreira, o "Lampião". Com eles, o cangaço atingiria seu auge, para em seguida morrer e ser substituído por outros fenômenos sociais.

Como quase todos os fenômenos relacionados à história do cangaço no Brasil, o surgimento de "Lampião" e de seu grupo relaciona-se com a gravíssima situação fundiária do Nordeste. A família Ferreira possuía pequena propriedade no vale do Pajeú, em Pernambuco, até ser perseguida implacavelmente pelos Nogueira, vizinhos poderosos e influentes na administração do Estado. Os Ferreira mudam-se então para Alagoas, mas continuam acudados, até que os chefe da família e sua mulher são assassinados. Então os filhos - Antônio, Livino e Virgulino - vêem-se livres para empreender a vingança e para iniciarem-se na trilha do cangaço.

Após permanecerem algum tempo em grupos pequenos e mal organizados, Virgulino Ferreira, o mais jovem dos três irmãos, assume a chefia do clã e forma um grupo próprio. Já conhecido como o "Lampião", adentra Pernambuco, destruindo todas as propriedades dos Nogueira e matando tantos quantos acha pela frente. Zé Saturnino, porém, o

mandante da morte de seu pai, sempre lhe escapa entre os dedos.

Ao vingar morte dos pais, Lampião perde a chance de ter de novo "vida normal"

Depois de dizimarem os Nogueira em Pernambuco, em 1920, Lampião e seu grupo não têm mais meios de levar uma vida normal. Perseguidos pela Justiça, não lhes resta outra alternativa a não ser a dos saques a fazendas, vilas e povoados. Numa primeira fase, estendem seu raio de atuação ao Ceará, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba. A perseguição, contudo, tornou-se tão intensa em meados da década de 20 que eles foram obrigados a cruzar o Rio São Francisco e buscar vida nova na Bahia. A princípio tentaram, em território baiano, buscar vida nova, afastada do crime. Mas novamente a perseguição caiu-lhes em cima, e eles retomaram a trajetória de aventuras, agindo agora também entre a Bahia e Sergipe. Neste Estado "Lampião" seria morto, na madrugada de 28 de julho de 1938.

"Lampião" viveu à frente de grupos cangaceiros por aproximadamente dezoito anos - um período bastante longo, se levarmos em conta a ferocidade da perseguição que lhe era movida. Para que entendamos melhor a longevidade do "Rei do Cangaço" é preciso fazer algumas considerações sobre a maneira

como ele se comportava perante a sociedade, e reconhecer algumas características pessoais suas: a liderança carismática, uma grande capacidade estratégico-militar, uma rede de informações perfeitamente montada e uma notável capacidade de tratar com as massas marginalizadas.

O erro de ver no líder do cangaço um "monstro" ou um benfeitor do povo

Incapazes de compreender o fenômeno em suas dimensões reais, alguns estudiosos chegaram a classificá-lo de forma extremista. Há quem o considere apenas um salteador saquinário e sem entranhas, e há os que vêem nele um herói, uma espécie de Robin Hood do sertão. Uma análise desapassionada, contudo, mostrará que é errado ver em "Lampião" um "bebedor de sangue": mas que também seria incorreto olhá-lo como um "benfeitor".

"Lampião" considerava como fator preponderante para o sucesso de sua vida de aventuras a segurança de seu grupo. É sabido que em nome dela, não hesitava em liquidar quem quer que fosse. Para isso, preocupou-se em formar uma rede de "coiteiros" (espíões) e apoiadores, que ia desde agregados a grandes proprietários, como Eronildo de Carvalho, de Sergipe. É fato que "Lampião" não costumava agredir gratuitamente a população desampa-

rada, ao contrário das forças legais. É fato que ele costumava prestar auxílio financeiro a esta mesma população, embora com objetivo de angariar sua simpatia.

É certo que costumava pagar generosamente seus "coiteiros". Mas também é verdade que eliminou todos aqueles que fraquejaram diante das torturas das forças legais.

Morto "Lampião" acaba o mito da invencibilidade, e o cangaço definha

A morte de "Lampião" marca o início do fim do cangaço. O subchefe Zé Sereno negocia, consegue anistia com a polícia baiana e entrega-se à frente de um numeroso grupo ainda em 1938. Alguns subchefes como Corisco e Ângelo Roque procuram dar continuidade ao cangaço, mas encontram fortes barreiras. Com a morte do chefe principal estava quebrado o mito da invencibilidade, e os cangaceiros não encontraram mais forças para continuar na vida errante. Corisco, após algumas tropelias, tentou fugir, buscando vida nova nos sertões de Goiás. Na manhã de 20 de maio de 1940 foi alcançado e assassinado no centro-oeste baiano. Sua companheira Dadá, baleada, foi presa na mesma ocasião.

Cangaço acaba, mas deixa como herdeiros abandono e crimes nas periferias

Encerrado o fenômeno, fica a sua história, e a interrogação: Por que existiu? Por que acabou? O povo nordestino deixou de viver miseravelmente nas últimas décadas? Em parte, as condições sociais que levaram ao surgimento do cangaço continuam as mesmas. Porém, a realidade política do país não permite mais aquele tipo de "banditismo". O que se vê nas últimas décadas são levas de nordestinos, vítimas do massacre social, serem despejadas nas periferias das grandes cidades, onde a criminalidade e a insegurança assemelham-se às que havia no sertão do Nordeste no início do século. O cangaço deixa um grande legado em nossa História, por ter marcado toda uma época de modos e costumes. Tem sido motivo de estudos sociológicos, literários, cinematográficos, musicais, teatrais e outros. A literatura sobre o tema, por exemplo, é particularmente vasta, com contribuições de Jorge Amado, Raquel de Queirós, José Lins do Rego e outros. Lamenta-se apenas que alguns deles tenham pesquisado pouco sobre o tema que abordaram, o que os levou muitas vezes a reproduzir os mes-

mos preconceitos com que historiografia oficial o aborda.

Fenômeno deixou marcas na cultura, na arte e na sociologia nacional

O cangaço teve ainda reflexos na música popular. Foi através dela que saiu do mais recôndito das caatingas para tornar-se conhecido nos meios urbanos. No vasto repertório sobre o tema há, além de composições de autores conhecidos, como Glauber Rocha, Luiz Gonzaga, Sérgio Ricardo, Humberto Teixeira e Paulo César Pinheiro, canções que, compostas pelos próprios cangaceiros, enriqueceram a musicografia nacional. Entre elas estão sucessos indiscutíveis, como "Acorda, Maria Bonita" e "Se eu soubesse que chorando".

Na sociologia, a maioria dos autores que se embrenharam no assunto analisaram-no de forma superficial, sem enxergar suas causas profundas. Merece destaque, pela exceção, Rui Facó, em seu "Cangaceiros e Fanáticos". Analisando os inúmeros surtos de "fanatismo" e cangaceirismo, diz ele em seu livro: "As condições internas que os geravam vamos encontrá-las, precisamente e antes de tudo, no monopólio da terra, cujas origens remontam desde os tempos coloniais". Mais adiante, define corretamente os cangaceiros: "O cangaceiro não é um assalariado para a prática do crime. Praticado por sua própria conta e risco, mas o que o distingue sobretudo é ser um rebelde contra a ordem dominante que esmaga o pobre do campo. Ele não se submete aos trabalhos forçados da fazenda ou do engenho".

Foi através do cinema, contudo, que o cangaço rompeu as fronteiras do Brasil para tornar-se conhecido internacionalmente. Os filmes "O Cangaceiro", de Lima Barreto, "Lampião, rei do cangaço", de Carlos Coimbra, e "Deus e o Diabo na terra do sol", de Glauber Rocha, foram bastante premiados no exterior. Perdeu-se para sempre, porém, um registro de incalculável valor histórico. Um mascate chamado Benjamin Abrahão teve a curiosidade de filmar o bando de "Lampião". O documento, porém, foi apreendido e destruído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante o Estado Novo, o que impediu a preservação das únicas imagens vivas deste fenômeno marcante na história do Nordeste e do Brasil.



Passeata dos sem-terra. Depois, a denúncia do massacre dos irmãos Canuto, no Pará

Após passeata, denúncia no Congresso contra morte dos irmãos Canuto

Para os trabalhadores, o governo Collor não tomou nenhuma providência para apurar o caso e punir mandantes e assassinos. Na opinião dos sem-terra, o governador do Pará, Jáder Barbalho, além de não ter interesse em apurar o caso, ainda mantém uma polícia que, ao invés de punir os assassinos, dá proteção aos grileiros e latifundiários da região.

Os camponeses lembraram vários líderes sindicais assassinados, a exemplo do líder sindical João Canuto, morto em 85, no Pará, e Margari da Maria Alves, fuzilada em 83, em Alagoa Grande, Paraíba. "O governo precisa deixar de proteger os latifundiários e seus capangas, colocando a polícia para prendê-los", diz Avelino Ganzer, vice-presidente da Central Única dos Trabalhadores, para quem o governo Collor não tem nenhum interesse em apurar bárbaros assassinatos.

Da rampa do Congresso, os sem-terra foram para o Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, onde foram recebidos pelo ministro Antonio Cabrera. A ele os sem-terra entregaram o documento aprovado no Congresso e exigiram que o governo solucione o problema das famílias acampadas e agilize o projeto de reforma agrária, com o qual o governo Collor pretende assentar 500 mil famílias até o final do mandato.

Latifúndio promove agora grande trama para sonegar Imposto de Renda

"Não acreditamos que esse governo, comprometido como é com os grileiros e latifundiários que o elegeram, faça reforma agrária no país", afirma Egídio Brunetto. Ao ministro, os trabalhadores denunciaram que muitos proprietários rurais estão burlando o Imposto de Renda da seguinte forma: ao Imposto de Renda declaram apenas as terras improdutivas e ao Imposto Territorial Rural, apenas as terras produtivas. Com isso, conseguem pagar menos impostos. Para os trabalhadores, se faz necessário que o governo faça o cruzamento dos dois impostos.

Os sem-terra saíram do Ministério da Agricultura certos de que ouviram apenas promessas demagógicas, a exemplo de outras vezes que lá estiveram. "O governo não vai fazer a reforma agrária porque não tem estrutura e está comprometido com os grileiros e latifundiários", conclui Egídio Brunetto. *Correspondente da Classe em Brasília.*

Sem-terra realizam II Congresso em Brasília

José Euflávio*

Cinco mil trabalhadores rurais dão demonstração de força do movimento, prometem continuar luta pela reforma agrária e denunciam caráter pró-latifundiário do governo Collor.

Ocupar, resistir e produzir. Com este lema, mais de cinco mil trabalhadores rurais realizaram, de 8 a 10 de maio, em Brasília, o II Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem-Terra e aprovaram um documento com 44 pontos de reivindicações ao governo, a quem acusam de "não ter nenhum compromisso com a reforma agrária" no país. Durante os três dias de Congresso, os sem-terra discutiram seus principais problemas, denunciaram grileiros de várias regiões do país e exigiram do governo Collor punição para os assassinos de camponeses.

Prazo de 60 dias para realizar todas as desapropriações do país

Eles deram um prazo de 60 dias para que o governo legalize, com documento de emissão de posse, todas as áreas já desapropriadas em todos os recantos do Brasil. Terminado esse prazo, caso o presidente Collor não atende essa reivindicação, os sem-terra vão continuar com as invasões, única forma de luta que encontram para a solução de seus problemas.

"O governo não tem nenhum interesse em fazer a reforma agrária no país e, muito menos, de resolver o problema de mais de 10 mil famílias que estão alojadas em acampamentos de lona, às margens de estradas", denuncia Egídio Brunetto, do Movimento Nacional dos Sem-Terra. Segundo ele, só no Rio Grande do Sul são mais de 1.400 famílias que estão em acampamentos em condições subhumanas, sem que o governo tome uma providência sensata, assentando-as em terras agricultáveis para que possam produzir.

Invasões vão prosseguir, até que encontre uma solução para o problema

Como não há solução, por parte do governo, para esse grave problema, o Congresso decidiu que as invasões vão continuar, até o que o Ministério da Agricultura e Reforma Agrária encontre um solução para eles. O documento aprovado no Congresso foi entregue em audiência ao ministro Antonio Cabrera, a quem os sem-terra acusam de "estar a serviço da União Democrática Ruralista (UDR)".

Decisão imediata para as áreas em conflito, única saída contra pistoleiros

Os trabalhadores exigem que o governo decrete, imediatamente, a desapropriação de todas as áreas que já possuem processo em andamento no Incra. São, aproximadamente, 665 processos, num total de mais de cinco milhões de hectares. Querem, também, solução imediata e definitiva para as áreas de conflito,

evitando assim a ação de pistoleiros e da polícia, que estão a serviço de grileiros e latifundiários em muitas localidades do país.

No Brasil, existem mais de 165 milhões de hectares, segundo dados dos sem-terra, classificados como latifúndios improdutivos. Os trabalhadores exigem do governo a desapropriação dessas áreas, tornando as terras agricultáveis. As áreas pertencentes às multinacionais também devem ser desapropriadas e eles reivindicam que as terras pertencentes aos órgãos extintos pelo governo entrem no programa de reforma agrária.

No dia 10 os trabalhadores sem-terra fizeram uma passeata pelas ruas de Brasília, que culminou com um ato público na rampa do Congresso Nacional, onde várias lideranças fizeram denúncias de seqüestros, torturas e matança de trabalhadores. Eles lembraram o assassinato dos irmãos Canuto - membros do PCdoB - fuzilados no mês passado, no Pará, por pistoleiros a serviço de grileiros da região.

Cuba resiste à perestroika

Antonio Martins*

Pressionado pelas ameaças de agressão dos EUA e pelo rompimento de antigos acordos comerciais com os países do Leste europeu, o país de Fidel Castro nega-se a seguir a perestroika e as imposições do capitalismo mundial.

O sol já se pôs, e ainda assim continua fazendo muito calor no velho e acanhado saguão do Hotel Caribbean, que é o mais simples e mais barato de Havana, mas que talvez por isso mesmo preserve a qualidade de atrair os visitantes mais descontraídos - e menos assemelhados a turistas - que se dirigem à capital cubana. Nada sugere ostentação. Apenas uma porta de vidro, à qual foi fixada uma cortina branca, separa os hóspedes do movimento de *Habana Vieja*, a parte histórica da cidade, onde é possível encontrar com facilidade casas e edifícios velhos de 300 anos. Do lado de dentro a mobília se resume a antigos sofás e poltronas estofados com curvim escuro, algumas mesas de centro e o inevitável balcão de atendimento, atrás do qual conversa, semi-oculto, o casal de recepcionistas.

Então o diálogo se interrompe para que o homem, que se destaca pelo corpo franzino e a voz firme, faça um gesto de mão para o estrangeiro e indague, ao ver que ele se aproxima: "Ouviste o discurso do comandante? Que achaste?".

E o primeiro esboço de resposta é bastante para deixar à vontade os funcionários. "Que tal a notícia sobre nosso motor?", pergunta a mulher apenas para emendar: "Vamos fazer nós mesmos nossos ônibus, peça por peça. Vai sair mais caro? Não importa. Acho que ao menos serão melhores. O povo não dizia, quando via o estado dos atuais, que Fidel estava comprando merda dos húngaros?".

Vamos fazer nosso próprio motor. É para isso que temos a retificación

"E se eles não quiserem mais mandar seus frangos", intervém de novo o homem, "compraremos do Brasil. E se acabar o dinheiro, chuparemos as nossas laranjas. Você sabe, nós produzimos as melhores laranjas do mundo, e mandamos para a Hungria, para a Polônia, em troca destes ônibus de merda. Agora, se não quiserem, vamos chupá-las nós mesmos. É para isso que temos nossa retificación.

Anoite de sábado, dia 10 de março, está começando. A Tele Rebelde acaba de reprisar o discurso que Fidel Castro fez há quatro dias, ao encerrar o V Congresso da Federação das Mulheres Cubanas. E, a exemplo do que ocorreu quando da transmissão ao vivo, quase todos os televisores permaneceram ligados, e quase todas as conversas que se seguem giram em torno do pronunciamento.

Há motivos para tanto. Fidel aproveitou o

congresso das mulheres para comentar mais uma vez as mudanças políticas e econômicas em curso nos países do Leste europeu, e para fazer uma espécie de retrospecto crítico das relações de Cuba com aqueles que foram até há alguns meses seus mais tradicionais aliados. Além disso, anunciou que seria preciso acelerar determinadas mudanças que vinham sendo implementadas na economia cubana desde 86, e dar início a novos esforços e sacrifícios, para fazer frente às dificuldades que por certo surgiriam a partir do rompimento de acordos de comércio que têm sido vitais para a economia cubana.

Durante muitos anos, reconheceu Fidel, todos os planos de desenvolvimento do país estiveram baseados no que se supunha ser a existência estável e prolongada de um "bloco socialista" de nações. Acreditava-se também que as relações econômicas entre estes países, ao contrário das que se praticam no mundo capitalista, não eram de espoliação, mas de apoio a ajuda mútua, e que ao longo do tempo elas acabariam funcionando como uma alavanca, capaz de tornar mais fácil e menos penosa a tarefa enorme de deixar para trás o estágio de *economia subdesenvolvida*.

Fidel: "socialismo e ajuda viraram termos pejorativos em todo o Leste europeu"

"O que vemos hoje", prosseguiu Fidel, "é que tanto *socialismo* quanto *ajuda* transformaram-se em palavras de sentido pejorativo no Les-

te europeu (...) A moda agora é restaurar a propriedade privada e a ação das leis de mercado, como se elas pudessem ter, em nossa época histórica, qualquer sentido progressista".

Mais adiante, ele procurou analisar em detalhes, e de forma realista, o sentido dos acordos econômicos que até há pouco ligavam - e em alguns casos ainda ligam - Cuba com as nações da Europa oriental. A bem da verdade, considerou, não se poderia falar exatamente em *ajuda*. Cuba vendia açúcar e outros produtos a preços superiores aos dos mercados internacional, mas em compensação comprava, por preços semelhantes aos deste mesmo mercado, itens de qualidade nitidamente inferior. Foi então que fez, para alegria dos cubanos acostumados ao uso diário do transporte coletivo, longos e minuciosos comentários sobre as características mais marcantes dos ônibus importados da Hungria...

Antes de concluir seu discurso, Fidel adiantou que seriam acelerados os investimentos previstos para a substituição de certas importações industriais, e para o incremento da produção agrícola. Advertiu que para torná-los possíveis a população precisaria por certo sacrificar um pouco seu nível de consumo corrente. Mas previu que em contrapartida tais sacrifícios resultariam mais adiante num nível de progresso superior, no reforço da independência nacional e no aperfeiçoamento das relações sociais. "Podemos dar este passo", assegurou, "porque soubemos iniciar a tempo nosso processo de *retificación*."

Mas o que é a retificação na opinião dos cubanos?

Quem se apresenta para responder é o escritor Félix Contreras. Poeta, redator da revista "Bohemia", militante da luta revolucionária desde os tempos da tirania de Fulgêncio Batista, ele ouve a pergunta num velho banco estofado de sua sala de estar, num apartamento do bairro de Vedado, centro de Havana. A casa é espaçosa pa-

ra os padrões brasileiros, mas a ausência de sofisticação revela quanta verdade há nos comentários sobre o caráter francamente *espartano* do consumo de bens duráveis em Cuba. As paredes da casa estão descoloridas, devido à escassez crônica de tinta e de outros materiais de construção. Ao contrário da profusão de eletrodomésticos que é possível encontrar nas casas de classe média dos países ocidentais, há apenas o quarteto tradicional dos lares cubanos: a geladeira, o ventilador, o rádio e a TV em preto e branco. Esta última está ligada e, como que para reforçar a impressão de despojamento e simplicidade, Mari, a companheira de Felix, move de um canto para o outro uma antena rudimentar, na tentativa até agora infrutífera de eliminar os chuveiros que teimam em aparecer na tela.

"Você teve sorte. Vivemos a fase mais rica da história da revolução"

Finalmente a imagem se torna um pouco mais nítida. Estamos em 16 de março e a Tele Rebelde exibe as cenas de uma entrevista coletiva concedida por Fidel Castro no Brasil, durante sua visita por ocasião da posse de Fernando Collor.

Felix acompanha por alguns instantes as respostas de Fidel, depois mira o interlocutor no fundo dos olhos e diz, com uma vitalidade que chega a surpreender quem se impressiona com seu corpo magro e arqueador: "Sabe, você veio numa época boa. Estamos vivendo o melhor momento de nossa revolução. Mas houve um tempo difícil, em que chegamos a esquecer as lições do "Che Guevara".

É bem possível que ele se refira ao período transcorrido entre "institucionalização" do regime cubano - início da década de 70 - e o 3.º congresso do Partido Comunista Cubano, realizado em 1985-86. São os anos em que foi mais marcante a influência de certas idéias que já floresciam no



Fidel, ao congresso das mulheres: "Restauram a propriedade privada, como se ela pudesse ter, em nossa época"



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

no Leste europeu e em que pouco a pouco se tornaram homogênicas em Cuba duas concepções básicas a respeito do desenvolvimento do país.

Por anos, prevaleceu a idéia da "divisão internacional do trabalho socialista"

A primeira destas idéias apostava nas vantagens que poderiam ser obtidas pelas nações que concordassem em participar do que se convencionou chamar "divisão internacional do trabalho socialista". Não tinha sentido, diziam os defensores da tese, desenvolver nos países integrantes do "bloco socialista" atividades econômicas semelhantes entre si. Haveria vantagens para todos se cada um se especializasse na produção de um universo mais reduzido de mercadorias, e se o fizesse em larga escala, e portanto com grandes ganhos de produtividade. Depois estas mercadorias seriam trocadas por seus respectivos produtos com base em acordos que permitissem o desenvolvimento harmônico e constante de todos.

Adotando uma perestroika cubana, antes mesmo das mudanças na U.Soviética

Convencidos do acerto desta concepção, os dirigentes cubanos solicitaram e obtiveram, em 1972 o ingresso do país no Conselho Econômico de Assistência Mútua (Comecom) - o órgão internacional encarregado de coordenar a "divisão internacional do trabalho socialista". A partir daí os próprios planos quinquenais pelos quais se orientava o desenvolvimento da economia de Cuba passaram a ser feitos em sintonia com as metas mais gerais fixadas pelo Comecom. Mas pouco a pouco foi se desenvolvendo uma estranha distorção.

Certos países acabaram se "especializando" na produção de itens primários, de valor reduzido no mercado mundial. Cuba, por exemplo, deveria cumprir o papel de fornecedor de açúcar às economias do Leste europeu, ao passo que importava bens industriais destes parceiros. Mesmo mais tarde, quando a pauta de exportações se ampliou, isto foi feito principalmente às custas de dois outros produtos básicos - as frutas cítricas e o níquel. Os teóricos do Comecom, contudo, alegavam que tal deformação não se constituía num problema, já que os preços pagos pelos demais países-membros do órgão às mercadorias exportadas por Cuba eram consideravelmente superiores aos vigentes no mercado mundial, e *compensavam* uma "especialização" que poderia parecer perversa. Anos mais tarde ficaria evidente a falácia destas teses.

O segundo conjunto de concepções que prevaleceu até 86 merece ser estudado com atenção ainda maior, porque é suficiente para *desmentir* os que, por discodarem da oposição de Cuba às atuais reformas do Leste europeu, procuram apresentar o regime vigente no país como *dogmático* e *avesso às mudanças*. É que, principalmente, a partir dos primeiros anos da década de 80, os cubanos passaram a recorrer com frequência crescente aos instrumentos de *mercado*, na esperança de que por este caminho pudessem "melhorar a eficiência da economia socialista". Em certo sentido, Cuba realizou sua *perestroika* particular, antes da *perestroika* soviética.

Foi o tempo do aumento das diferenças salariais e do "mercado livre camponês"

Várias decisões foram tomadas, todas nesta direção. Os critérios para fixação dos salários



Marcha das tochas, em janeiro: centenas de milhares na rua, em defesa da revolução

foram flexibilizados, e a diferença entre os vencimentos mais altos e os mais baixos se alargou consideravelmente. As empresas do Estado foram "liberadas", em certa medida, da obrigação de atuar segundo as metas fixadas pela sociedade nos planos quinquenais, e estimuladas a produzir as mercadorias, ou oferecer os serviços que tornassem possível a elevação dos *lucros*. Finalmente, foi criada uma espécie de "mercado livre camponês". Ao invés de venderem sua produção ao Estado, os agricultores eram autorizados a oferecerem-na diretamente ao público, na forma que considerassem mais vantajosa para si próprios. A idéia que havia por trás de todas estas medidas considerava que a concessão de "estímulos materiais" era a melhor maneira de incrementar o empenho e a produtividade dos trabalhadores, e elevar o vigor da economia.

Alguns anos antes, Ernesto "Che" Guevara havia combatido essas concepções. Dizia que a tarefa de edificar uma nova sociedade exigia dos que estivessem dispostos a enfrentá-la disposição, espírito aberto e criatividade suficientes para procurar incansavelmente novos métodos de estímulo dos indivíduos e de eficiência econômica, baseados no avanço cultural permanente dos trabalhadores e em sua intervenção consciente e ativa na definição dos rumos gerais da economia. Guevara, contudo, não conseguiu convencer a maioria dos dirigentes revolucionários da justeza de suas idéias. Amplamente majoritárias no então "bloco socialista", as teses que propunham o emprego sempre crescente dos estímulos materiais acabaram prevalecendo também em Cuba.

Em 85, Fidel reconhece os erros, e rema contra a maré da perestroika

As conseqüências, iriam aparecer em meados da década de 80, quando foi ficando claro que o retorno aos instrumentos de mercado não apenas não garantiria a elevação da produtividade como também representava risco cada vez maior à própria continuidade da transição ao socialismo.

Fidel Castro admitiu publicamente o problema e propôs medidas econômicas para resolvê-lo. Em dezembro de 1985, quando o mundo

capitalista começava a se maravilhar com o que chamava de "mudanças revolucionárias" adotadas por Gorbachev na União Soviética, ele remou contra a corrente, e apresentou um informe bombástico ao 3º congresso do Partido Comunista Cubano.

Neste documento, ele fazia uma diagnóstico detalhado dos danos causados à economia do país pela orientação adotada no período anterior.

1986 marca o início da aplicação prática das mudanças. Embora com o risco inevitável das simplificações, é possível resumi-las esquematicamente em alguns itens.

Aumentam investimentos na indústria, e diminuem as diferenças entre salários

O regime cubano partiu, em primeiro lugar, para uma política de redução sensível das diferenças entre salários, que haviam chegado a índices preocupantes e ameaçavam criar castas privilegiadas com interesses conflitantes com os da maioria da população. Verificou-se que a maior parte dos acréscimos aos vencimentos dos trabalhadores não tinha efeito algum na produtividade, e eles foram suprimidos. A economia gerada com a decisão permitiu, em contrapartida, elevar substancialmente os ordenados de 600 mil trabalhadores de baixa renda.

Ao mesmo tempo, foram adotadas medidas para ampliar de forma significativa a parcela da produção consumida *socialmente* - ou seja, através de mecanismos que *não incluem* pagamento monetário. Neste aspecto, o destaque ficou para um incremento extraordinário nos serviços de educação, saúde e cultura oferecidos à população. Graças a este esforço, por exemplo, foi possível estender o acesso a creches a virtualmente todas as crianças, a partir dos 3 meses de idade.

Ampliaram-se também, e substancialmente, as inversões no desenvolvimento industrial. As idéias de substituir as importações, e de priorizar setores estratégicos como a biotecnologia, só puderam ser levadas à prática graças à esta decisão. Simultaneamente, setores como a construção civil, que se encontravam em crise, foram reanimados graças à reabilitação de antigos métodos, como o trabalho voluntário em microbrigadas. Três anos mais tarde, quando explodiu a crise no Leste europeu e os acordos comerciais com Cuba passaram

a ser rompidos pelos antigos parceiros, o país já reunia condições melhores para resistir, ainda que às custas de sacrifícios não desprezíveis da população.

Seria ridículo achar que problemas foram resolvidos como num passe de mágica

Seria ridículo pretender negar que os problemas e as dificuldades continuam a existir, e que são graves. Vários anos de fidelidade à tese da "divisão do trabalho socialista" custaram um impressionante atraso industrial e tecnológico, que só décadas de esforço intenso poderão amenizar.

No terreno da política, também há lugar para preocupações. Embora a população, em sua maioria esmagadora, influa e concorde com os posicionamentos gerais do regime, a participação profunda *do conjunto dos trabalhadores* na elaboração dos planos de desenvolvimento está longe de ser uma realidade. A Assembléia Nacional e os demais órgãos do Poder Popular, que segundo a Constituição são os responsáveis pela definição destes planos e funcionam, além disso, como órgãos supremos de poder assumem, freqüentemente, papel de *homologadores* das decisões do partido comunista.

Mas na conjuntura adversa que vivemos é impossível não ver em Cuba, com todas as críticas que se possa fazer a estes e outros problemas, um fator de estímulo e de alento. Quando os países ligados à União Soviética renunciaram abertamente ao projeto de construir a nova sociedade, e enveredam em bloco por um caminho que os leva a buscar para os seus problemas as saídas que o capitalismo "inventou" há mais de 400 anos, não deixa de ser admirável a teimosia revolucionária desta pequena ilha do Caribe. Que siga ao lado dos que, em toda parte, recusam-se a ceder à maré ideológica que se esforça por reabilitar valores como o mercado, a desigualdade, o dinheiro e o individualismo. Que brilhe com a luz própria, que ninguém a possa apagar.

CDM
Centro de Documentação e Memória
"Redator da Classe, fez viagem de trabalho à Cuba em 1963 e 1974"
Fundação Maurício Grabois

A democratização na Albânia

O governo da Albânia continua implementando as mudanças debatidas e iniciadas após a realização dos 8.º e 9.º plenos do Comitê Central do PTA (veja Classe Operária n.º 37), que objetivam uma maior democratização do país, o ajustamento das relações de produção às novas necessidades da economia e a ampliação da participação popular na gestão da sociedade. A Classe publica trechos do pronunciamento feito pelo primeiro-secretário do CC do PTA, Ramiz Alia, no 10.º pleno do Comitê Central do partido, ocorrido em meados de abril.

"Durante os três meses decorridos desde o 9.º pleno", diz Ramiz Alia, "o país viveu uma nova fase de élan revolucionário. O povo recebeu bem as decisões daquele pleno e se inspirou a empreender ações visando a aperfeiçoar incessantemente nossa sociedade. O papel das massas se reforçou ainda mais, assim como cresceu sua consciência diante da responsabilidade política que lhes cabe."

"A participação das massas em toda a atividade social se tornou mais efetiva. O debate social pela justa solução dos problemas se tornou mais vivo". No período, "procedeu-se a eleição e a reeleição de muitos quadros", sendo que "somente em Tirana elegeram-se 266 novos diretores, chefes e funcionários".

Notou-se, conforme o primeiro secretário do PTA, uma aplicação mais justa da proporção "entre os funcionários membros do partido e os não membros nos órgãos estatais", de acordo com as recomendações do 8.º pleno. "Assim, por exemplo, atualmente nos departamentos ministeriais e nas instituições centrais os comunistas constituem apenas 33% do total de empregados e funcionários, enquanto que os restantes 67% não são membros do partido. No distrito de Tirana, o número geral de quadros e do pessoal engenheiro e técnico que dirige a economia, a cultura, os complexos, usinas, fábricas, empresas e cooperativas agrícolas compõe-se de 17,5% de comunistas e 82,5% de trabalhadores não aderentes ao partido".

Alia ressalta que o desenvolvimento "da linha de massas foi acompanhado da limitação do terreno ao burocratismo. Os laços dos órgãos do partido e do po-

der com os trabalhadores se reforçaram ainda mais. A crítica e a autocritica se tornaram mais corajosas." Ao colocar a atividade de todos os comunistas sob o controle das massas, acentuou-se "o papel criador dos trabalhadores na elaboração dos planos e das diretivas para o desenvolvimento, reafirmando a unidade do povo em torno do partido".

Caminho socialista

"Ao afirmar esses passos encorajadores, devemos estar conscientes de que nesse domínio temos e ainda teremos muito a fazer", frisou o primeiro secretário do PTA, ressaltando que a democratização "constitui um processo histórico que deve acompanhar passo a passo o socialismo", e definindo as medidas atuais como "um segundo ciclo, uma nova fase do período histórico que se iniciou às vés-

peras dos anos 70, após o conhecido discurso do camarada Enver Hoxha e as decisões tomadas pelo partido naquela época para revolucionar multilateralmente a sua vida e a vida de todo o país".

A aplicação e realização das novas tarefas "não são fáceis", alertou. "É sempre difícil realizar mudanças porque aqui se entrelaçam muitos fatores: a tradição, a cultura e as condições materiais". Da mesma forma, "o burocratismo e a rotina resistem", parecendo muitas vezes "mais fácil aplicar uma prática antiga de decênios do que aprender um novo método de gestão".

Luta de classes

Ramiz Alia lembrou que o 9.º pleno apresentou "uma nova regra de atividade social e econômica, apoiada sobre a disciplina, sobre as normas e leis unificadas, que não aceitam exceções. Encorajase as massas a colocar tudo sob seu controle. Mas devemos percorrer um longo caminho para realizar os objetivos. Devemos enfrentar também os indivíduos que não compreendem o desenvolvimento, assim como aqueles que tentam prejudicar o socialismo. Não se deve esquecer de que também nesse terreno existe a luta de classes."

A aplicação da linha de massas, constata Ramiz Alia, "causou a contrariedade de alguns organismos do partido, do poder e da economia. Em consequência, tomam-se atitudes que impedem artificialmente a aplicação da vontade do povo, exercem-se pressões sobre as coletividades para manter as responsabilidades existentes, em alguns lugares realizam-se eleições com voto a descoberto, a fim de aprovar a candidatura preferida pelo presidium da reunião, em outros alguns intrigantes e mandriões aproveitam-se do direito democrático da eleição na base para desacreditar os quadros que são exigentes e respeitam a disciplina etc."

Tais dificuldades expressam-se também na conduta de alguns distritos, onde algumas coletividades rejeitam recomendações dos órgãos responsáveis a res-

peito das eleições para os postos dirigentes, organizações do partido desobrigam-se de cumprir as tarefas, evidenciando que ainda é grande o apego a velhas práticas. Há uma coisa elementar na aplicação das mudanças, segundo Alia: "cada um deve começar por si mesmo".

Arma provada

A solução desses problemas exige a intensificação do trabalho de propaganda e a elevação do trabalho educativo do partido e das organizações de massas. "Toda a propaganda deve responder às exigências do tempo", rejeitar fórmulas e slogans, assim como "toda a influência da propaganda hostil contra nosso país e o socialismo".

"É indispensável trabalhar incansavelmente para reforçar a unidade do povo em torno do partido, pois esta unidade constitui arma provada", salienta o primeiro secretário do PTA. É atualmente necessário "trabalhar para proteger e desenvolver ainda mais os valores humanos criados pelo socialismo, o amor à pátria e por sua liberdade, a honestidade e a pureza moral, o espírito revolucionário e progressista."

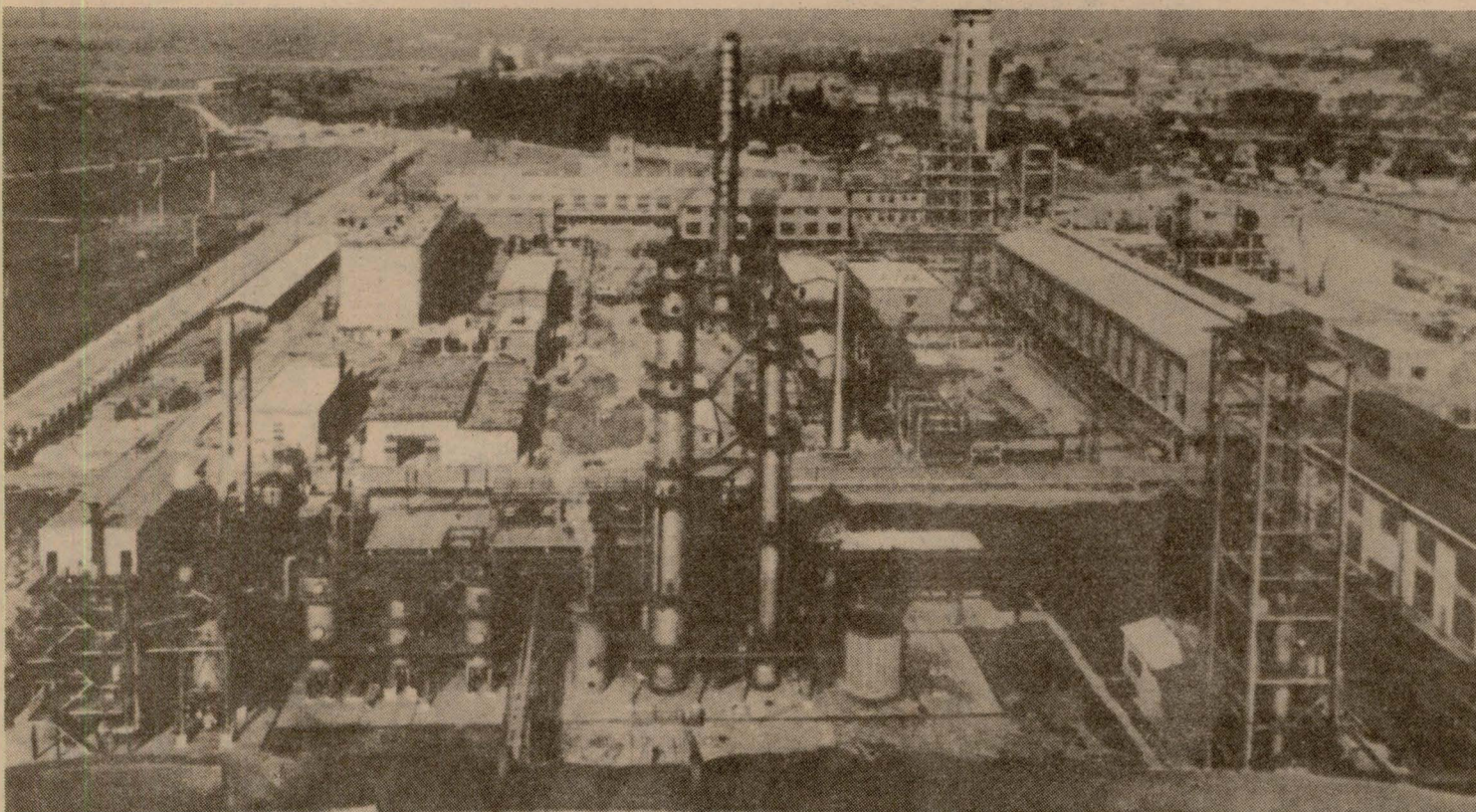
"Nunca é demais explicar às massas que somente há 45 anos, cerca de 85% da população era iletrada, ao passo que atualmente 75% da juventude freqüenta a escola média. É preciso não esquecer que em 1945 a longevidade média na Albânia era de 38 anos. Atualmente ela ultrapassa os 70 anos. Apenas há 25 anos as mulheres albanesas eram consideradas criaturas de segunda categoria, ao passo que atualmente mais de 60% dos professores ou dos médicos são mulheres. O desemprego na Albânia não existe, assim como não existem as drogas ou o terrorismo. A desigualdade social desapareceu junto com a repressão nacional. O país é livre em sua própria pátria soberana. Nenhuma dificuldade ou lacuna temporária pode ensombrecer as conquistas do povo e do socialismo.

"As importantes transformações econômicas, políticas e sociais que fizeram o país passar do estágio feudal para a vida moderna não poderiam ser realizadas por nenhuma outra ordem social que não a sociedade socialista, onde o povo e o poder são ligados estreitamente um ao outro. Esses êxitos se devem à existência na Albânia de uma vida livre e democrática, onde os direitos e os deveres dos cidadãos estão harmonizados com os interesses de toda a sociedade.

"Nossos êxitos em todos os domínios estão ligados ao papel do partido e ao nome de Enver Hoxha, que guiaram com sabedoria e resolução o povo albanês de uma vitória a outra. É por isso que o povo ama o partido e está ligado a ele como unha e carne, é por isso que o povo e o partido respeitam Enver Hoxha e seguem com consequência os seus ensinamentos." Grabois



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Indústria albanesa de fertilizantes: agora funcionará com base no autofinanciamento

As reformas na economia

O exame das medidas capazes de aperfeiçoar o funcionamento da economia constituiu o principal objetivo do 10º pleno. Nesta página reproduzimos trechos do discurso de Ramiz Alia sobre o tema.

O objetivo das mudanças nas normas da produção, de acordo com o primeiro-secretário do PTA, "é a elevação da eficácia da economia, a criação de condições dentro das empresas para o autofinanciamento, para a participação dos trabalhadores na distribuição dos excedentes do ganho do plano, a instauração de relações justas entre a centralização e as competências da base segundo as exigências da época, a aplicação dos planos de elevar o papel dos métodos econômicos e do mercado e a aproximação dos preços aos valores das mercadorias. Para todas essas questões fundamentais esforçamo-nos para encontrar novas soluções socialistas, traduzindo nos fatos os critérios próprios de uma economia intensiva que está conhecendo um impulso dinâmico."

Papel da ciência

Ramiz Alia acrescentou que a produção "requer soluções a longo prazo que criem possibilidades a todo mundo para dispor de competências reais e iniciativas". O mecanismo atual da economia, segundo ele, exige "um maior papel da ciência na elaboração das políticas de desenvolvimento".

Os aperfeiçoamentos se impõem como "resultado lógico das condições objetivas existentes. Nós procedemos mudanças de grande envergadura porque elas são necessárias após a evolução da situação econômica do país e a melhor formação ideológica e cultural das pessoas."

"As mudanças inspiradas pelo partido em matéria de relações de produção", observou, "representam uma preciosa contribuição à ciência da economia política socialista", que sempre se enriquece "a par com as mudanças ocorridas na economia. As concepções teóricas ganham um novo conteúdo sobretudo no estágio de seu desenvolvimento intensivo" e devem criar condições propícias "para colocar em utilização todos os recursos de que o país dispõe para o desenvolvimento, com uma grande eficiência econômica e social."

É de suma importância, conforme Alia, que as medidas sejam acompanhadas de novos princípios "de educação econômica e moral, de uma psicologia e uma atitude novas em face do trabalho e da propriedade social. Tudo isso pode ser realizado modificando nossos objetivos na frente da educação, a fim de coordenar seu trabalho com a ação do mecanismo econômico."

Autofinanciamento

Ao realizar a gestão das empresas em contas à parte (destacadas do plano), criam-se condições para que a reprodução ampliada seja financiada "pelos recursos internos das empresas e pelos créditos, enquanto uma parte das receitas dos trabalhadores e dos responsáveis será condicionada e defi-

nida pelo nível da realização das receitas líquidas do centro de trabalho e cada empresa será obrigada a liquidar suas obrigações com os órgãos centrais vendendo seus produtos nos diversos distritos e honrando suas obrigações com a exportação."

Tal procedimento, ao mesmo tempo que promove uma democratização na gestão da produção exige uma maior disciplina. "Nessas condições, cada trabalhador e quadro está diretamente interessado em exprimir suas opiniões a propósito de boa marcha do trabalho dentro da sua empresa e da melhor organização da produção, em colocar em aplicação uma tecnologia moderna, na disciplina dos operários, na administração parcimoniosa dos materiais, na economia das matérias-primas, em ter um número restrito de responsáveis aptos com grandes capacidades. Agindo assim, as medidas para a revolucionarização e para a extensão da democracia não serão consideradas como princípios em geral, mas serão ligadas ao interesse material dos trabalhadores, porque esses últimos têm o direito de receber até três salários a mais por ano extraídos dos fundos de excedentes das empresas. Nesse sentido, torna-se mais real o controle operário e a produção conhece novos impulsos, assim como a educação e a temperança das pessoas."

Maior eficiência

A força decisiva na produção, especialmente numa economia intensiva, está na eficiência e no crescimento da produtividade, do que passam a depender praticamente todas as metas

do plano. Os organismos centrais ocupam-se atualmente com a eficácia, o trabalho social e os investimentos, mas não têm possibilidades de resolver tudo, como sublinha Ramiz Alia. "De sua parte, os responsáveis pelas empresas se interessam mais com a produção global e com os novos investimentos, assim como com a qualidade, a provisão e os ganhos financeiros. É com o novo mecanismo econômico que devemos resolver essa contradição, transferindo para a base a questão das decisões e das responsabilidades em relação a um grande número de problemas."

"Quando falamos de eficácia, pensamos na satisfação normal das necessidades da população e da economia e na melhoria da qualidade de vida. Nós podemos realizar esses objetivos supremos aumentando as rendas, produzindo os artigos necessários em quantidade, qualidade e em melhores prazos". Tudo isto demanda também a elevação da consciência e da disciplina no trabalho. "O operário também deve estar consciente de que a realização e o cumprimento do plano, ou sua não realização, têm impactos diversos sobre seu salário."

A experiência, ressalva Ramiz Alia, "prova que nenhuma medida que se traduza em fatos está imune de consequências negativas. Cada melhoria feita nas relações econômicas é realizada por iniciativa das pessoas e é também resultado de seus interesses". É preciso, por isto, estar atento para "manifestações de interesses individuais ou de um grupo em detrimento da sociedade, que devem ser prevenidas e limitadas. O indiferentismo e a magnanimidade de pequeno burguês são

fenômenos prejudiciais e podem se tornar perigosos nas condições de aumento das competências transferidas à base e de uma maior extensão da margem de atuação das alavancas econômicas. Uma condição decisiva para a realização dos resultados desejados é a consolidação da disciplina no trabalho por parte dos operários e do pessoal engenheiro e técnico. Devemos acabar com o liberalismo e a corrupção estabelecendo regras e princípios rigorosos."

Preço e valor

O 10º pleno ressaltou a necessidade de conceder uma maior atenção à lei do valor na formação dos preços relativos e promoção de "uma melhor harmonia entre o lado material e o lado financeiro em todo o ciclo de reprodução". Com esta finalidade, serão adotadas medidas visando um ajuste dos preços de estocagem dos produtos agrícolas e pecuários e dos preços no atacado dos meios de produção, aplicar-se-á o autofinanciamento das empresas "fazendo com que a remuneração dos operários dependa de resultados definitivos da empresa."

Deve-se evitar, ainda, o aumento das subvenções do orçamento administrativo, tendo em conta que não se vai tocar nos preços a varejo dos artigos de primeira necessidade. A margem de atuação dos fatores não econômicos na determinação dos preços deve ser restringida, limitando-se a possibilidade de custos não produtivos "fora dos limites permitidos pela produtividade do trabalho social. A redução da redistribuição entre os ramos da produção permanece uma tarefa a longo prazo que deve ser realizada gradualmente, paralelamente ao desenvolvimento da economia e à elevação do bem-estar do povo."

Avançaram-se também propostas concretas "a fim de aportar algumas modificações na exploração individual e na exploração coletiva", considerando que o abastecimento da população é a prioridade número um do atual plano quinquenal. No que toca à criação de rebanhos de gado, a experiência provou a superioridade dos pequenos rebanhos, como forma de organização, ao contrário do que se havia pensado anteriormente, o que torna necessário um ajustamento das orientações objetivando estimular a exploração individual do gado. "Que o campesinato cooperativista julgue e decida ele mesmo no campo, como se afirmou aqui neste pleno, sobre como resolver da melhor maneira possível o problema", acentua Alia. "Se ele julga que é mais eficaz a manutenção da vaca ou de qualquer outro animal de criação na exploração individual, então as cooperativas devem elas próprias tomar a decisão, segundo o desejo de seus membros".

"Nossa luta é por uma sociedade livre e justa"

Mudanças no domínio do direito e nas relações externas. Elas se fazem como exigência da época e na direção do socialismo, ao contrário do que ocorre na URSS e em outros países do Leste europeu. "Quanto mais nossa ordem socialista se reforça, mais a unidade do povo se fortalece, mais a cultura e a consciência das massas se elevam e nossa legislação socialista se torna mais democrática". A seguir, o resumo final do discurso de Ramiz Alia no 10.º pleno do CC do PTA.

"Eu desejo sublinhar que as propostas levantadas não enfraquecem nossa luta pela defesa do poder popular e da ordem socialista. Pelo contrário, nossas leis, nosso Estado serão severos e decididos a assestar fortes golpes a todo momento contra os diversos inimigos e malfetores que ousem levantar a mão contra o poder popular, contra a propriedade socialista e a propriedade dos cidadãos, contra todos os que entrem as normas e os princípios da vida socialista. Nossas leis estarão, como no presente, também no futuro a serviço das massas trabalhadoras, das pessoas que estão inteiramente engajadas no trabalho pelo progresso e a prosperidade da pátria, de sua defesa segura.

"As emendas ao código penal colocam numa relação mais justa a defesa dos interesses do Estado e da sociedade com os do cidadão", sustenta o primeiro secretário do CC do PTA. Destaca-se, neste aspecto, a criação de "instituições concernentes, como o ministério da Justiça, a advocacia etc", além de modificar "alguns artigos do código porque o tempo mostrou que são inúteis". Tais medidas "correspondem ao nível de desenvolvimento do país" e exigem novos métodos e mentalidades.

"Primeiramente é necessário explicar às massas, aos operários, aos camponeses, à *intelligentsia* e à juventude todas essas decisões. É necessário que todos concebam que sua justa aplicação terá como resultado o fortalecimento do socialismo, o fortalecimento da economia, a melhoria da vida do povo. Podemos alcançar isso graças ao trabalho, a um grande trabalho, à mobilização, ao espírito militante.

Alia enfatizou as dificuldades que se opuseram à realização do plano durante o primeiro trimestre, especialmente as de ordem objetiva como a seca, que não apenas impossibilitou a realização da exportação da energia como obrigou o governo a fechar algumas usinas, como a de ferro-níquel e a importar energia elétrica para fazer frente às necessidades econômicas. Saliu também os problemas decorren-

tes das turbulências no Leste europeu e das reestruturações em processo na Europa.

Nossa luta visa socialismo numa nação livre e independente

"A luta do povo e de nosso partido visa à edificação de uma sociedade livre e justa, sem exploradores nem explorados, onde se avale e recompense cada um segundo o trabalho fornecido e o papel desempenhado no progresso da sociedade, onde a vida material e espiritual das pessoas se enriqueça a cada dia. Nós lutamos e continuamos a lutar para termos uma sociedade socialista numa Albânia livre, independente, soberana.

"Sublinho essa questão porque agora, após a derrocada ocorrida no Leste europeu e na União Soviética, a reação e a burguesia internacional se esforçam para impor aos povos os seus princípios e verdades absolutas, para proclamar como universal a sua ordem social, seu modo de vida, para intervir nos negócios internos dos outros a fim de ditar receitas sobre o que eles devem fazer e como agir. Com esse objetivo eles recorrem a pressões políticas e aos blocos econômicos, colocam em ação suas agências de espionagem e espalham toda a sorte de invenções graças aos meios de comunicação. Eles, que falam de democracia e de pluralismo de idéias, exercem um certo "terrorismo" político em face do marxismo-leninismo.

"Ferozes campanhas de propaganda são organizadas de tempos em tempos igualmente contra nosso país e nosso partido. Os seus promotores são os iugoslavos, mas a reação grega e outros também não ficam atrás. Fazem coro e propagam as mentiras mais fantásticas. Segundo eles, na Albânia vigora o terror, assassina-se as pessoas nas ruas, promovem-se prisões em massa etc.

"Os iugoslavos desejariam a existência de turbulência na Albânia porque eles procuram desviar a atenção da opinião pública mundial de suas crises internas e sobretudo da violência e assassinatos que exercem em Kosovo. Os outros, que na maioria dos casos não conhecem a história nem a cultura nem o caminho de desenvolvimento da Albânia, fazem analogia com os países do Leste e inventaram a teoria do domínio.

Mudanças na Albânia nada têm em comum com o que ocorre na URSS

"Como sublinhamos anteriormente, na Albânia não ocorrerá nada de semelhante com o que ocorreu nos países do Leste. O povo albanês derramou seu sangue pela liberdade e sua independência e por conseguinte não permitirá jamais a ninguém que se torne seu senhor, não permitirá jamais nem aos *beyes*, nem aos *agás*, nem a outros ricos que recuperem o poder, as terras e as fábricas, para sugar-lhe o sangue. É por isso que tanto os inimigos externos como os internos e a escória de nossa sociedade, cada um que ouse atentar contra a liberdade da pátria, o poder popular e o socialismo, terá que se enfrentar com um povo fortemente unido em torno do Partido do Trabalho, um povo decidido a defender, mesmo sacrificando a vida, as vitórias conquistadas.

"Nossa sociedade não é uma cópia de outro país, nossa revolução não foi importada nem imposta do exterior. Ela encontra inspiração no marxismo-leninismo, mas se desenvolveu sobre nosso solo nacional. Ela é um prosseguimento das tradições ilustres do movimento progressista albanês. Ela constitui uma parte componente básica de nossa revolução. Quem não compreende isso não pode conceber nem explicar a história da nova Albânia, o caminho original que ela seguiu.

"É verdade que no curso da edificação socialista nos esforçamos por tirar proveito igualmente da experiência dos outros. Mas nós nunca dançamos conforme o refrão estrangeiro e nada aplicamos de maneira mecânica sem passar pelo filtro albanês.

"Nosso partido agiu com audácia e de maneira dialética. Ele não teve modo de olhar a realidade de frente, de analisar com seriedade os êxitos e as derrotas. Ele tirou conclusões sobre o que deve ser feito para o socialismo avançar e o que não deve ser feito a fim de não colocar em risco o presente e o futuro de nossa pátria.

"Nosso partido e nosso Estado, mesmo em matéria de relações com o exterior, devem agir, como sempre, de conformidade com as mudanças ocorridas na arena internacional, mas tendo sempre em conta os interesses do povo e do socialismo, da liberdade, da independência e da soberania nacional, a questão da paz e da segurança.

"Os países do Leste europeu e a URSS se afastaram do socialismo inclusive formalmente, como ideologia e prática, assim como renunciaram a tudo o que se relacione com a revolução e a luta da classe operária. É sua missão.

"Mas os acontecimentos ocorridos nos países do Leste europeu e na



Porto de Durres, o maior da Albânia, que quer ampliar suas relações econômicas e políticas com o exterior

União Soviética, que suscitaram grande euforia tanto no Leste como no Oeste, não justificam as esperanças daqueles que se assenhorearam do poder e dos que os sustentam. Afirmou-se que tudo iria bem mas há desilusão e inquietação.

No Leste europeu, a vida do povo piorou e não há estabilidade

"A situação econômica na Romênia e na Polônia, na RDA, na Hungria e na Bulgária piorou. A produção nesses países cai a níveis inferiores aos existentes em seguida às greves, estruturas e reestruturações econômicas e sociais. A situação econômica e a qualidade de vida na União Soviética é mais frágil que há cinco anos, quando foi lançada a *perestroika*. As massas trabalhadoras em todos os países do Leste estão preocupadas com o fato de que a introdução de novas normas econômicas impostas pelo capital internacional está colocando em risco mesmo as conquistas sociais herdadas, a garantia do emprego, da habitação, das pensões etc.

"Nenhum país da Europa do Leste conhece a estabilidade política. Sob o slogan do pluralismo, assiste-se à criação de partidos, de grupos e associações políticas diversas que entraram em competição para ganhar voz e ter um lugar no poder. Na Romênia alguns partidos exigem o retorno aos antigos proprietários das terras cultivadas e dos terrenos onde há edificações, na Polônia e na Hungria organiza-se a privatização das fábricas e das usinas, que eram de propriedade do Estado. Nesse clima, começam a nascer também organizações fascistas, enquanto as tendências nacionalistas e as querelas ocupam a cena.

"Os acontecimentos do Leste criaram problemas também no plano europeu, porque eles rompem os equi-

líbrios existentes e atingiram as alianças vigentes. Assiste-se ao problema da reunificação das duas Alemanhas, que é, sem dúvida, um direito da nação alemã. Mas esta é uma questão que inquieta muitos países e fez ressurgirem velhos inimigos e inimizades.

"Mas não é apenas o problema alemão que predomina na cena europeia. Igualmente importante é o problema dos blocos militares, a OTAN e o Pacto de Varsóvia, ou seja, o problema da segurança europeia. Os EUA e a URSS tentam dirigir os acontecimentos nos canais que eles desejam, cuidando cada um dos seus interesses. Mas mesmo para eles atualmente é difícil fazer 'os diabos voltarem à garrafa'.

Criou-se uma situação inteiramente nova, de ofensiva anticomunista

"A situação criada é inteiramente nova e se caracteriza por uma ofensiva geral da burguesia internacional e das forças oportunistas contra os valores socialistas e comunistas, contra a prática da edificação socialista e a união internacionalista dos trabalhadores. É a mais agressiva e a mais perigosa ofensiva jamais empreendida contra a revolução.

"Não há dúvida de que a alternativa socialista de organização da sociedade humana não pode desaparecer porque com a existência dos exploradores e explorados haverá luta para resolver essa contradição. Mas a atualidade é francamente hostil à perspectiva histórica. Ela é pesada, cheia de perigos e ameaças concretas, de guerras que devem encetar hoje e não amanhã.

"Nessas circunstâncias, podemos considerar duas possibilidades em nossas relações com o exterior: a primeira é nos fecharmos em nossa concha, limitarmos os conflitos, passar à defesa ideológica, política, cultural etc. Mas esse caminho não foi e nem pode

ser o nosso caminho, a nossa política. Nosso partido jamais escolheu o isolamento. Aqueles que não querem o bem da Albânia é que se esforçam para isolá-la, recorrendo aos blocos econômicos para atingir esse objetivo.

“A segunda via é a do diálogo, nosso engajamento numa luta diplomática aberta. Mas o que significa encetar uma luta diplomática aberta? Isto significa travar essa luta lá onde ela tem lugar, ou seja, aceitar as regras de seu jogo. Há quem pense que a luta diplomática significa escrever artigos de jornal, fazer declarações governamentais e públicas, uma luta de propaganda. É uma idéia não somente errônea como bastante ingênua. A luta diplomática significa ter contatos, conversações, fazer acordos, compromissos, recusas e aprovações, tendo sempre em conta o interesse nacional e o critério nacional.

“O que ensina a nossa história? Desde o surgimento do movimento de secessão do império otomano até nossos dias os albaneses se bateram em duas frentes: a luta armada e a luta diplomática.



Campanha eleitoral na RDA, passo para a reunificação: a Europa muda, o mundo muda e é preciso acompanhá-lo

Nosso ideal nacional sempre foi democrático coletivo e igualitário

“O fio vermelho que percorre todo o movimento de libertação albanês é a definição clara e precisa da filosofia política nacional. Nosso ideal nacional sempre foi um ideal democrático porque os albaneses não aspiram a ocupar territórios de outrem, eles não alimentaram nenhum tipo de expansão política, econômica ou cultural. A aspiração fundamental do povo albanês foi ter um Estado livre, independente e soberano e nada mais.

“Mesmo suas idéias políticas concernentes à linha interna sempre foram democráticas. Isto porque ele foi um povo camponês, em quem a tendência sempre foi a igualdade, a justiça, a tolerância, o coletivismo, a ajuda mútua, a grandeza de espírito etc., ou porque ele sofreu muita opressão nacional e econômica. Ele não dispôs de uma burguesia propriamente dita e consolidada para se submeter à influência de sua ideologia.

“Certamente, houve períodos e momentos turbulentos, mas a ressurreição teve lugar sobre essa base de inspiração inextinguível. O critério nacional de um lado serviu de guia nas relações internacionais e de outro de determinante para o universo espiritual dos albaneses. Na Albânia as pessoas são avaliadas, nos momentos críticos, não por sua classe, religião ou pela hierarquia governamental, nível de instrução

etc., mas pela atitude política em face da independência, da liberdade e da soberania do país. De outro lado, como pequeno país, a Albânia não pôde ter importância e jogar um papel determinante nos acontecimentos mundiais. Ela só tinha importância devido à sua posição geo-estratégica. Ela se esforçou para compensar seus inconvenientes - população numericamente pequena, território restrito, frágil peso econômico - fazendo manobras diplomáticas, tirando proveito das contradições entre seus inimigos para proteger seus interesses.

“Se analisarmos mais detalhadamente a atividade de Abdyl Frasheri, de Ismail Qemal e de Enver Hoxha, a capacidade desses três homens de grande estatura, nascidos no seio da Albânia, nos momentos chave de sua história, não exageramos se dissermos que eles foram mestres em táticas diplomáticas. Nosso partido, que foi desde sua fundação um combatente decidido da liberdade e da independência nacional, deve seguir sem hesitação essa marcante tradição.

Os acontecimento no mundo sempre foram e são interdependentes

“Os acontecimentos no mundo sempre foram, como são, interdependentes, e disto ninguém pode se subtrair. O problema é como escapar das influências negativas desses aconteci-

mentos e como aproveitar os acontecimentos positivos.

“Tomemos, por exemplo, a Europa e os últimos acontecimentos. Nesse continente, ao qual pertencemos, ocorreram grandes mudanças, que conduziram a uma mistura total das cartas. Novos problemas políticos, econômicos, de segurança e outros foram criados implicando assim uma análise nova e um tratamento novo. Não seríamos dialéticos se pensássemos que esses problemas podem ser concebidos e enfrentados recorrendo às fórmulas e aos meios de luta utilizados até agora. É importante para nós preservar os princípios e nos guiarmos por eles. Mas também nessa questão, é preciso saber distinguir o que é substancial do que não o é, o que é prioritário do secundário, o que permanente do que é temporário. É necessário saber não considerar como estratégicas as atitudes táticas e vice-versa.

“A Albânia sempre foi desde o começo contra a divisão da Europa em blocos, contra as zonas de influência, contra a restrição da soberania de suas nações. Nós pensamos que a segurança européia não pode ser assegurada graças à corrida armamentista, à oposição dos blocos militares, à discriminação política e à diversão ideológica, aos diversos blocos e ao arsenal ininterrupto da guerra fria.

“No 9º pleno tiramos a conclusão de que nessas condições é necessário levar em consideração algumas ini-

ciativas empreendidas, entre as quais as reuniões multilaterais. Portanto, o reatamento da Albânia no processo de cooperação e de segurança européia, sua participação nas reuniões projetadas com esse objetivo, corresponde aos tempos e aos nossos interesses.

A Europa criou uma comunidade de estados e amplia sua unidade

“Aplicando as decisões do 9º pleno, nossos órgãos estatais devem agir igualmente em face do Mercado Comum Europeu. Na Europa Ocidental criou-se uma comunidade de estados em que está em curso a unificação não apenas da economia, mas igualmente de numerosos setores da política interna e externa. A comunidade européia representa uma realidade publicamente conhecida. O estabelecimento de laços diplomáticos e de contatos com ela servirá a nossos interesses econômicos e políticos, como serve igualmente o aumento da cooperação com os membros dessa comunidade, cooperação que já se transformou numa prática útil.

“Ainda que de outra natureza e muito complexa, tendo em conta os acontecimentos ocorridos, figura também na ordem do dia o problema do restabelecimento de relações diplomáticas com os Estados Unidos da América e a União Soviética. Desejo sublinhar que a Albânia opera com os

diante dos grandes. Ela não pôde suportar e não aceita as intenções importadas pelas políticas que estão em contradição com sua liberdade e sua independência, com sua vontade.

“Como se sabe, após a libertação do país, o governo albanês fez muitos esforços a propósito de estabelecimento de laços amistosos com os EUA, laços que tinham existido antes da guerra e que foram confirmados durante seu transcurso. Infelizmente, os Estados Unidos, desde a libertação da Albânia, condicionaram o reconhecimento do novo governo albanês à mudança do sistema social emergido de nossa revolução. Durante longo período os EUA se opuseram à admissão da Albânia na ONU e tudo fizeram por seu isolamento internacional. Esses atos, sem mencionar outros, criaram um grande fosso entre os dois países, que permanece aberto até hoje.

Não nos opomos ao restabelecimento de relações com EUA e URSS

“Igualmente, foi a União Soviética que rompeu de maneira unilateral as relações diplomáticas com a Albânia, assim como todos os laços econômicos e de outro tipo. O motivo principal reside em que a Albânia não aceitou a hegemonia soviética porque a Albânia não aceita se transformar em simples executora de sua política externa, porque ela não aceita ratificar e se submeter às suas exigências. A ruptura de relações políticas e econômicas alargando as divergências ideológicas às relações entre os Estados foi uma vingança que visou atentar contra a RPS da Albânia.

“No que se refere ao estabelecimento de relações com outros Estados, nós não colocamos condições políticas, mas também nós não as aceitamos. Nós só exigimos uma coisa, que é ao mesmo tempo algo legítimo, que aceitamos a Albânia tal e qual ela é. Nós aceitamos os outros igualmente tais e quais eles são. A escolha do sistema social é uma questão soberana de cada povo e ninguém tem o direito de se intrometer nisso. “Nós nunca desejamos estar em hostilidade com os outros. Ao contrário, como já sublinhamos no 9º pleno, nós respondemos à amizade com amizade, assim como não damos nenhum passo atrás quando dão provas em relação a nós de arrogância, subestimação e prepotência. As relações entre Estados são normais e frutuosas desde que sejam respeitados os princípios básicos de igualdade, de não-intervenção, de respeito à liberdade, de independência e de soberania de cada um, e de cooperação com vantagens mútuas.

Ferrovários em greve contra governo polonês

Desde o dia 19 de maio os ferroviários poloneses estão em greve contra o arrocho salarial imposto pelo plano de reestruturação capitalista da economia em curso. Os trabalhadores bloquearam o principal complexo portuário do país, enquanto o "democrático" governo decretava a ilegalidade do movimento e lançava mão das forças policiais para reprimi-lo.

O "Solidariedade" perdeu a pose, colocou-se frontalmente contra a paralização, com o seu principal dirigente, Walesa, fazendo dramáticos apelos para que os operários retornassem ao trabalho, mas não teve sucesso. É uma organização apelegada e cada vez mais desmoralizada.

Os ferroviários exigem, entre outras coisas, 80% de reajustes salariais e atualmente recebem apenas cerca de 30 dólares mensais, rendimento que está sendo ainda mais archoado pela alta dos preços. Até o momento, a greve é a maior manifestação de inconformismo e contestação às medidas neoliberais baixadas pelo governo do "Solidariedade" desde o início deste ano.

Os protestos, entretanto, deverão se alastrar pelo país. O plano,

de rápida reimplantação das leis econômicas do mercado e plenas relações capitalistas, cobra um preço muito alto e doloroso aos trabalhadores. Prevê a privatização em massa e falência de centenas de estatais, num processo que vem sendo caracterizado também pela corrupção e privilégios irregulares à burguesia local e estrangeira. Só em seus primeiros meses já gerou mais de 300 mil demissões e o número de desempregados deverá se aproximar da casa dos 2 milhões, cerca de 20% da população economicamente ativa, até o final do ano, conforme as projeções dos supervisores do plano - o FMI e o Banco Mundial.

A crise da economia polonesa data do início desta década e tem suas raízes na volumosa dívida externa contraída pelos governos revisionistas - os débitos chegam a 40 bilhões de dólares e exigem pagamentos vultuosos de juros, que o país, aliás, não tem conseguido cumprir pontualmente. A burguesia polonesa ainda sonha com uma maciça injeção de capital estrangeiro como meio de aliviar a crise. Contudo, tudo indica que a situação do povo só vai piorar no seguimento do plano capitalista.

Coréia do Sul: um povo em pé de guerra

Um dos quatro "tigres" asiáticos, apontado pelos ideólogos neoliberais como exemplo da vitalidade capitalista e pelo presidente do Citibank, John Reed como modelo a ser copiado pelo Brasil (é "o futuro do país", conforme sua expressão), a Coréia do Sul anda mal, muito mal. Não apenas se debate com uma grave crise econômica, causada pela queda brusca das exportações (devido ao protecionismo norte-americano), e caracterizada entre outras coisas pela elevação da taxa de inflação e queda da produção. O governo reacionário do país (também apontado como modelo de democracia por figuras como Roberto Campos) defronta-se com um povo virtualmente em pé de guerra.

Manifestações antigovernamentais ocorrem diariamente há várias semanas. E cada vez são mais radicais e violentas. A capital do país, Seul, foi transformada num verdadeiro campo de batalha entre a polícia e o povo - principalmente estudantes e operários, que exigem a renúncia do governo do general Rob Tae-Wu. Já se computam centenas de vítimas, entre mortos, feridos e presos.

No final de abril, milhares de trabalhadores ocuparam o estaleiro

Hyundai em Ulsan, a 320 quilômetros de Seul, reivindicando reajustes salariais e protestando contra a prisão de quatro sindicalistas, e enfrentaram os policiais que tentaram desalojá-los (depois que o movimento foi declarado ilegal) com bombas incendiárias. Os choques duraram horas, os trabalhadores construíram barricadas, puseram fogo em 20 veículos e travaram uma verdadeira batalha campal contra as forças de segurança. Nos dias posteriores seguiram-se manifestações de rua em Seul com dezenas de milhares de populares nas ruas em solidariedade aos operários e exigindo a renúncia do governo repressor.

O governo tem reagido intensificando a repressão e fazendo concessões menores, mas isto não tem causado intimidação e as manifestações se alastram em todo o país. É uma história bastante inconveniente ao otimismo e à propaganda burguesa, principalmente por aqui onde o país de fato já foi tomado por modelo pelos governantes - não é apenas por incompetência que os protestos não têm merecido sequer registro na grande imprensa (veja a coluna do Clóves Wonder, na página 5).



Soldado israelense atira contra um ativista palestino: recrudescem o rascismo e a violência sionista

Violência sionista gera protestos internacionais

Israel voltou a promover um dos maiores massacres contra o povo palestino, a partir do último dia 20. O número de civis mortos pelas tropas sionistas que ocupam a faixa de Gaza aumenta dia a dia. São mais de 600 feridos - muitos em estado grave - nos hospitais. Velhos, mulheres e crianças são o alvo preferido dos soldados de Israel. O governo sionista decretou o estado de sítio para estabelecer "uma relativa calma nos próximos dias". É a paz dos cemitérios, mais uma vez buscada por Yitzhak Shamir e seus comparsas.

A reação palestina foi convocar uma greve geral. Vivem na região cerca de 650 mil palestinos, trabalhando pelos piores salários e sofrendo humilhantes revistas e invasões de residência pelo exército ocupante. Os distúrbios de rua multiplicam-se, com a população civil reagindo com pedras e pedações de paus aos ataques armados dos sionistas.

O governo dos Estados Unidos, cinicamente, pediu para Israel "conter a violência", enquanto continua fornecendo armas para o exército israelense. O governo britânico, também aliado de Israel e com vastos interesses políticos e comerciais na área, pediu "contenção" para ambas as partes! Quer que os sionistas parem de matar e que os palestinos parem de ser mortos...

O secretário geral da Organização das Nações Unidas condenou o que classificou de "atos de violência contra civis inocentes". Ao mesmo tempo, o governo da Itália emitiu nota protestando: "Uma vez mais as autoridades israelenses não duvidaram em abrir fogo contra os palestinos." França e Grécia uniram-se ao protesto.

O líder da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, que pediu visto aos EUA para participar de uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, quer o envio ime-

diato de uma força internacional para garantir a integridade dos palestinos nos territórios ocupados por Israel.

Protestos no Brasil

Em São Paulo, os comerciantes do Brás, de origem palestina, fecharam as portas de suas lojas na segunda-feira, 22, protestando contra o massacre. Também no Rio Grande do Sul, onde vivem cerca de 50 mil palestinos, as lojas foram fechadas e distribuídos panfletos denunciando o crime de Israel e pedindo solidariedade ao povo massacrado.

Segundo Emir Mourad, representante da Confederação Palestina da América Latina e Caribe em São Paulo, "os palestinos querem integrar-se ao processo de paz e cumprem todas as resoluções da ONU, enquanto Israel mantém-se intransigente". (Carlos Pompe)

Nazi-fascismo mostra o rosto

Um velho fantasma de novo ronda a Europa e o mundo: assiste-se ao ressurgimento em vários países, em meio à crise econômica e financeira, de um nacionalismo reacionário, baseado no racismo, em meio a um rejuvenescimento da direita e de uma cada vez mais presente e forte tendência fascista. Grupos neonazistas atuam com grande desenvoltura nos países europeus e no último dia 9 deram prova de sua conduta num ato inominável: violaram 34 túmulos no cemitério judeu de Carpentras, na França, empalando com um guarda-chuva um dos mortos. No dia 14, 200 mil pessoas realizaram uma passeata pelas ruas de Paris em repúdio à barbaridade. Mas os no-

vos nazistas deram continuidade a tais práticas, violando outros túmulos na própria França e na Alemanha, pixando muros com palavras-de-ordem fascistas, pintando suásticas e fazendo a apologia de Hitler.

Na Europa, como também em menor medida nos Estados Unidos, o ressurgimento dessas tendências fascistas, e de caráter anti-semita, tem se expressado especialmente através do ódio aos imigrantes, que ganha certo caráter de massas e é estimulado por setores das classes dominantes. Uma recente pesquisa feita na França, por exemplo, mostra que 35% dos franceses acham normal o anti-semitismo e uma parcela também relevante defende a expulsão

de grupos ódio contra os imigrantes.

Na União Soviética, e em geral nos países do Leste europeu, as reformas capitalistas acarretaram também um acentuado rejuvenescimento do racismo e em especial do anti-semitismo. No caso da URSS tal processo tem sido intensificado pelos conflitos nacionais, que disseminam o racismo, o orgulho da nacionalidade dominante, no caso o russo, e os conflitos com povos de outras nacionalidades. Ali foi criado um grupo, o Pamyat (memória), que defende abertamente bandeiras fascistas e promove e incentiva a perseguição

Gorbachev promete desemprego

Mais desemprego. Foi o que prometeu o presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev, ao abordar os efeitos da reestruturação econômica que pretende implementar no país a fim de completar a transição ao capitalismo e subordinar a produção às leis do mercado (ou criar uma "economia de mercado regulada" conforme a cínica e constrangedora expressão de alguns dirigentes soviéticos).

O país também deverá ser premiado com uma respeitável inflação, se de fato forem aplicadas as medidas anunciadas na segunda quinzena de maio pelo Conselho Presidencial da URSS. Os preços dos alimentos, que não sobem desde os anos 20, além de outros bens de consumo, deverão ser duplicado ou triplicados a partir de outubro com o desmantelamento do sistema de subsídios.

Contradições

Os líderes revisionistas estão encontrando sérias dificuldades para encerrar o processo de restauração capitalista na União Soviética. E caminham como que pisando em ovos - o recurso à expressão "economia de mercado regulado" dá bem a medida dos receios que rondam o Kremlin.

Gorbachev teve coragem de aplicar uma "terapia de choque" semelhante à de outros países no Leste europeu, notadamente a Polônia. É forçado a seguir numa marcha bem mais lenta e isto por um motivo muito simples: as pesquisas de opinião evidenciam que o povo soviético é francamente hostil às reformas, que implicam o aumento do desemprego, inflação, arrocho salarial, maiores disparidades salariais, alta concentração de renda, ampliação e enriquecimento mais rápido da burguesia.

A conjuntura econômica e política do país, de crônica crise (queda da produção industrial, atrasos no pagamento de importações, dificuldades para efetuar o pagamento da dívida externa, ao lado dos conflitos nacionais), compõe um quadro desalentador. A impopularidade de Gorbachev já é razoavelmente elevada e cresce na mesma proporção em que evolui a miséria, a criminalidade e a degradação da sociedade.



Não faz muito tempo os mineiros fizeram greve contra o arrocho de seus salários: é este tipo de luta que vai se multiplicar e que atemoriza Gorbachov

Hipocrisia

Gorbachev, que não faz muito defendia o princípio do pleno emprego (ainda que ele não passasse de uma quimera: estima-se que hoje o desemprego atinge 8 a 10 milhões de trabalhadores no país), foi levado pela própria lógica da *perestroika* a mudar o discurso e

apresentar o desemprego como critério de racionalidade e sinônimo de disciplina no trabalho e eficiência econômica.

Agora, ele procura disfarçar o fracasso da *perestroika* atribuindo a responsabilidade pela crise ao próprio povo, e em particular, à sobrevivência de institutos e va-

lores socialistas na consciência social. "No momento, a *perestroika* enfrenta a barreira da consciência pública, conservadora por natureza", reclamou o bravo estadista no dia 17 de maio.

Seria este o obstáculo mais "perigoso" e "crítico" às reformas, conforme o líder revisionis-

ta. "Em política, o público não aceita o pluralismo e tem complexos sobre conceitos e clichês ideológicos. Em economia, segue a regra de que 'você não deve mexer nisso, você não deve mexer naquilo'. Em todos os setores enfrentamos os obstáculos dos complexos", acrescentou.

Embora as frases estejam coloridas pela hipocrisia, ele não deixa de ter razão. É mais preciso falar de interesses e não se pode duvidar de que os interesses dos trabalhadores soviéticos estão em franca oposição à *perestroika*, cujas virtudes são arrocho salarial, desemprego e miséria crescente. São os brindes do capitalismo, mas só com uma boa dose de hipocrisia pode-se pretender que os interesses contrariados por este sistema putrefato são conservadores. Gorbachev tem razão de temê-los. A aceleração das reformas certamente irá acirrar os ânimos e a luta de classes na URSS (atentemos para o que ocorre nesses dias na Polônia) e frustrar com novos pesadelos os sonhos burgueses do líder revisionista. (Umberto Martins)

O czarismo fez escola

Dividir para reinar, eis um princípio que sempre foi muito caro aos impérios reacionários. Os antigos czares souberam aplicá-lo com inegável eficiência às nacionalidades para manter de pé o Império Russo. E hoje Gorbachev procura imitá-los, estimulando o ódio entre as nacionalidades, o espírito chauvinista dos russos e a prática de massacres (outroza conhecidos como *progoms*).

A cada dia fica mais patente o recurso aos velhos métodos czaristas pelas atuais autoridades soviéticas. Já nos distúrbios entre armênios e azerbaijanos apareceram sinais de que os *progoms* promovidos na região foram previamente planejados pelo serviço de inteligência soviético com a finalidade de justificar a intervenção militar de Moscou.

Nesses dias, em relação aos distúrbios nacionais em processo no Báltico, as coisas ficaram mais claras. Por inspiração do Kremlin formou-se um grupo nacionalista russo, o *Interfront* que age descaradamente na região para impulsionar entre

os russos o ódio a lituanos, estonianos e letonianos. Com isto, ao mesmo tempo em que se amplifica (muitas vezes artificialmente) os conflitos nacionais da região, cria-se também fortes motivações para uma intervenção "pacificadora" das forças armadas soviéticas - tal como ocorreu no Cáucaso.

Foram aviões soviéticos que sobrevoaram todo o Báltico lançando panfletos e convocando manifestações contra o movimento separatista da Lituânia, Estônia e Letônia. Um boletim de notícias intitulado *Glasnot*, distribuído recentemente na Estônia, dá conta de que dois líderes do movimento anti-separatista russo da república estiveram reunidos secretamente com Gorbachev para discutir a luta contra a independência.

Um dos textos distribuídos na Letônia, por avião, procura dar ao movimento anti-independência uma caráter progressista, de defesa da união socialista das repúblicas e de inspiração proletária: "Deixem que nos levantemos em defesa do

poder soviético da Letônia. O tempo dos discursos já passou", conclama o panfleto.

Entretanto, a finalidade mal disfarçada do panfleto é exigir uma intervenção enérgica de Gorbachev (vale dizer, militar) e em primeira instância justificar a arrogância do líder soviético no tratamento do problema criado no Báltico - o homem já vem sendo pejorativamente considerado o "valentão de Vilna" (Vilna é a capital da Lituânia).

Há, sem dúvida, certo vigor do movimento anti-separatista, manifesto nas greves em curso na Estônia e, mesmo, na tentativa de invasão dos parlamentos da Estônia e Letônia por militares soviéticos residentes na região - quase todos russos. E, com boa vontade, pode-se ver certa razão nas forças que se opõem à secessão das repúblicas bálticas.

Contudo, o que salta aos olhos é uma exploração odiosa de sentimentos nacionalistas dos russos e dentro disto, o envenenamento da consciência dos trabalhadores (inclu-

sive, e talvez principalmente, os grevistas da região) com o nacionalismo mais vulgar e opressor. E neste sentido não há nada de progressista nas manifestações - mesmo as populares - contra a independência das repúblicas bálticas.

Na URSS a questão nacional regrediu às características que possuía na época dos czares. E não custa lembrar, neste sentido, as palavras de Lênin em defesa dos princípios da autodeterminação dos povos: "não há nada mais que mais atrase o desenvolvimento e a consolidação da solidariedade proletária", dizia, "do que a injustiça nacional, não há nada mais sensível seja para os nacionais 'ofendidos' do que o sentimento de igualdade e a violação deste igualdade, mesmo que só por negligência ou brincadeira, por parte dos seus camaradas proletários". Evidentemente, a direção dos movimentos nacionalistas no Báltico não possui muita coisa de progressista, mas o que lhe é oposto atualmente expressa um status quo opressor e reacionário.

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Valor "universal" que nunca existiu

Rogério Lustosa*

Alternância no poder é um "valor universal da civilização"! Esta é a última descoberta do PCB, anunciada nas teses preparatórias de seu próximo congresso. Resta explicar em que país e em que época histórica este fenômeno ocorreu.

Gato por lebre

O capitalismo vigora por mais de um século na Europa e hoje domina o mundo. Onde, por favor, a burguesia deixou o poder em todo este tempo? E, por acaso, alguém teve notícia que, nos regimes anteriores, os senhores feudais e donos de escravos tenham alterado o seu domínio com qualquer outra classe?

Fica evidente a falcatura. Esta gente, que há décadas trata de rever a teoria revolucionária marxista-leninista, chegou a uma situação complicada. A reviravolta no Leste europeu, e na URSS, com a burguesia assumindo abertamente o poder, deixou evidente que lá, não é de hoje, os partidos revisionistas restauravam de fato o capitalismo - como sempre denunciaram os verdadeiros comunistas.

É fazer o jogo do inimigo de classe "vender" a idéia de que no socialismo o proletariado pode "democraticamente" ceder o poder à burguesia. Assim como sugerir que seja um progresso, por exemplo, que a democracia cristã suba ao poder na Alemanha pela via eleitoral.

Alternância de patrões

Numa desesperada tentativa de ludibriar, ainda uma vez, a opinião pública, os pecebistas jogam com as palavras. É possível que uma classe no poder troque os governantes. Ou melhor, que partidos burgueses, no capitalismo, se alternem no governo. Mas mudança da classe dominante é uma questão chave que caracteriza a passagem de um regime social para outro.

Em qualquer regime social, jamais haverá alternância no poder. Se, no capitalismo, uma revolução leva o proletariado ao poder, enterra o velho regime e inaugura a construção do socialismo. Se, pelo contrário, uma contra-revolução, como no Leste europeu, recoloca a burguesia no poder, retorna-se à escravidão assalariada.

Submissos à pressão burguesa, os revisionistas tentam equiparar a democracia burguesa, onde os capitalistas oferecem, de tempos em tempos, a oportunidade dos trabalhadores elegerem este ou aquele partido dos patrões para o governo, com a democracia proletária. Ao camuflar a luta de classes e o caráter de classe do poder, estes falsos inovadores nada mais fazem do que aceitar as regras burguesas - vigentes - como universais.

Interesses distintos

É certo que, na construção do socialismo, o proletariado cometeu erros, na URSS e em outras experiências. Que facilitaram inclusive a sabotagem dos inimigos do socialismo.

Houve mesmo concentração excessiva de poderes quando já era possível colocar diretamente nas mãos das grandes massas a decisão de muitos assuntos. Mas corrigir o que não correspondeu às exigências da revolução não pode ser pretexto para abandonar a revolução.

A transição do capitalismo para o comunismo se realiza através do confronto entre interesses de classe muito distintos. Para eliminar as heranças do velho regime, eliminar a divisão da sociedade entre exploradores e explorados, forjar a nova mentalidade da solidariedade e do trabalho, o proletariado usa o poder estatal. Ao alcançar a sociedade sem classes, o Estado se torna desnecessário, extingue-se.

* da direção nacional do PCdoB

O Partido nos bairros

Dynéas Aguiar*

Dentre os segmentos que compõem o campo popular, o Movimento de Bairros ou de Moradores é, sem dúvida alguma, o que congrega o maior contingente humano. O processo de urbanização crescente da população aponta para o aumento do peso quantitativo desse setor no conjunto das lutas populares.

O quadro demonstrativo abaixo ilustra a evolução dessa tendência:

Região	1950	1970	1990(*)
Norte	580.867	1.626.600	4.736.000
Nordeste	4.744.808	11.752.977	24.619.000
Sudeste	10.720.734	28.964.601	59.589.000
Sul	2.312.985	7.303.427	17.408.000
C.-Oeste	423.497	2.437.379	8.347.000

(*) População residente projetada em 1.000 habitantes (Almanaque Abril - 1990)

1950 e 1970 foram extraídos do Anuário Estatístico do Brasil - IBGE - 1990.

Esse fenômeno, típico do desenvolvimento do capitalismo, é irreversível no Brasil. Assim sendo, cabe ao Partido estudar de forma profunda e científica, o que representa em cada caso concreto o aumento da população urbana.

Muitas vezes numa análise simplista e apressada conclui-se que a urbanização da população só tem criado favelas, cortiços, mocambos, palafitas onde moram marginais, bandidos, prostitutas e outros componentes do lumpesinato. É evidente que tal ocorre. Uma parte considerável da população oriunda do campo é marginalizada pela burguesia e pelos poderes públicos.

No entanto, precisamos ver o outro lado da moeda: o crescimento da classe operária, dos trabalhadores no setor de serviços, o crescimento da população escolar nos três níveis, que são causa e consequência igualmente da urbanização.

O caráter desigual do processo de desenvolvimento do capitalismo com seus componentes de concentração de renda e aumento permanente da exploração das massas trabalhadoras provocará sempre o desnível no modo e meios de vida das diversas classes de que a população se compõe. Os contrastes serão cada vez mais visíveis.

É nesse quadro de riqueza e miséria que vão se formando e plas-

mando as concepções políticas e ideológicas da população. É no confronto de interesses de classes, de perspectivas correspondidas ou frustradas de ascensão social, de prosperidade e crise que a vida associativa do movimento comunitário ganha ímpeto e se fortalece.

Entender que as entidades de moradores existem apenas para lutar pela melhoria imediata e localizada das condições de vida da população dos bairros, vila e favelas é ter uma visão limitada e um horizonte estreito das perspectivas e potencialidades desse movimento.

Será possível anular na cabeça dos moradores dos bairros populares e das periferias das cidades a preocupação com o desemprego, com a redução dos salários, com as ameaças às liberdades e aos direitos dos cidadãos por parte dos governantes? Haverá alguma forma mágica de impedir que os trabalhadores que moram nesses locais deixem de preocupar-se com os problemas de suas categorias, de seus sindicatos? E nas eleições não é no núcleo de vizinhança que se trava o deba-

sua área de atuação para traçar as políticas para a ação de massas e a organização do Partido.

Nos bairros e nas vilas existem variadas formas de organização das massas: associações de moradores, clubes de mães, clubes de esportes, de dança, grupos de teatros, de músicos, etc. Entidades que congregam mulheres, jovens, negros têm núcleos nos principais bairros e desenvolvem atividades específicas. Sindicatos de grandes categorias têm subseções em zonas de concentração de empresas do seu setor que são importantes pontos de encontro, organização e mobilização de seus associados.

É nesse universo que o Partido deve atuar. Precisa estar presente nas entidades e ao mesmo tempo desenvolver atividade própria, enquanto Partido junto às amplas massas.

Se o campo de atuação é vasto e múltiplas são as frentes em que devemos estar presentes, fica evidente a necessidade de termos organizações de base fortes, enraizadas nas massas com um contingente de mem-

bros correspondente às suas responsabilidades. A filiação permanente de novos membros é a forma de preencher essas necessidades.

Igualmente a formação política e ideológica dos dirigentes e membros das organizações de base por local de moradia não pode limitar-se à discussão das questões locais e imediatas. É necessário dar-lhes uma formação global

para que possam não apenas conhecer e compreender a linha política do Partido, mas igualmente aplicá-la de forma criadora junto às amplas massas.

É com essa visão ampla que devemos compreender a importância e a necessidade da organização dos comunistas por local de moradia e da sua atuação junto às massas e nas entidades locais. Um forte movimento de bairros que congregue grande parcela de sua população será, sem dúvida, um fator a mais para o avanço da luta de nosso povo para a conquista de seus direitos, a defesa da soberania nacional, a ampliação das liberdades na perspectiva de uma nova sociedade, a sociedade socialista.

te em torno das plataformas de cada candidato e das propostas dos partidos?

Vê-se que o campo de ação nos bairros é amplo e multifacético. Sem abandonar ou subestimar as lutas específicas e localizadas, os comunistas têm amplas possibilidades de estender a sua atividade.

Os comitês municipais no interior e os distritais nas capitais precisam dedicar mais atenção ao estudo das particularidades e características das regiões em que se dividem as cidades para definir com precisão as áreas de concentração de nossa atividade e a especificidade do trabalho concreto.

Os dirigentes e militantes das organizações de base que estão estruturadas por local de moradia precisam estudar as particularidades de



Fazer arte é conhecer o mundo

Por Adriana Morell*

Jovem e irrequieto, Gaudêncio Fidelis é um dos expoentes da nova escultura gaúcha. No ano passado expôs suas obras no 11.º Salão Nacional de Artes Plásticas e no 2.º Festival Latino-Americano, além das exposições em vários Estados. Graduado na UFRGS, é bolsista no CNPq e estudante de filosofia. O artista plástico, no seu ato de filiação ao PCdoB, em 25 de março último, doou uma escultura em homenagem aos 68 anos do Partido, onde reinterpreta com ferro galvanizado, parafina, pasto, parafina com fuligem e tecido, o símbolo da foice e martelo. Gaudêncio Fidelis, que inclui em seus planos uma exposição no Museu de Arte de São Paulo, no próximo ano, aposta no papel da arte na futura sociedade. Em entrevista exclusiva à *Classe*, ele fala da arte e do papel

do artista.

Classe - Qual foi o caminho percorrido até o PCdoB?

Gaudêncio - Há três anos tenho um amigo que é filiado e há mais tempo tenho simpatia pelas idéias e pela organização do Partido. É o único partido que tem alma, conteúdo, que sobrevive às mais diversas dificuldades. Mas, o caminho até a filiação foi difícil. Foi preciso conquistar a confiança do Partido.

Classe - Como um artista pode contribuir com as lutas democráticas e com a construção do socialismo?

Gaudêncio - Nunca vi muitas possibilidades de contribuir somente pelo fato de ser artista, a não ser emprestando a imagem do artista. Vejo a contribuição do indivíduo. Ser artista é o papel que me cabe na sociedade. Eu é que estou a servi-

ço de uma classe, através do Partido.

Classe - Mas e o papel do artista?

Gaudêncio - O trabalho das pessoas não é um ente superior a elas. Veja, não é um quadro ou uma escultura minha que vai fazer a revolução, embora a própria arte enquanto instrumento do conhecimento possa contribuir mais ou menos para a formação do público. A praxis artística - a formação do artista - é que pode levar o apreciador da obra a uma visita à realidade.

Classe - Qual é então o papel da arte contemporânea?

Gaudêncio - Temos que ter cuidado com a desconfiança de que a arte contemporânea é produto da burguesia. Vale a pena questionar qual é o papel social de cada campo do conhecimento. Já passou o tempo em que a burguesia criava a arte para o seu próprio deleite. Hoje a burguesia detém o conhecimento da arte, mas não tem o absoluto controle sobre a sua criação e forma. A arte contemporânea trouxe um elemento novo: o material dos produtos não é mais visto como uma coisa externa à obra. O material é agente vivo.

Classe - O público dessa arte domina isso?

Gaudêncio - A relação com o público é sofrida. Mas as pessoas apresentam reações e ficam inquietas diante de uma obra abstrata. Isso é positivo porque faltou dizer que um quadro revolucionário sob o ponto de vista do entendimento do mundo. A arte explicita as dissimulações sociais. Existe a verdade da forma que é inegável. Então se a obra é reacionária, por assim dizer, é



Gaudêncio Fidelis (dir.) ao lado do presidente do PCdoB no RS

incompleta, porque não coloca nada em discussão.

Classe - E aquele discurso do cara que nasceu artista?

Gaudêncio - Esse é um dos piores dogmas - o primado do talento. O que acontece é o desenvolvimento da capacidade das pessoas de materializarem mais ou menos eficientemente uma idéia. Isso implica muito trabalho e estudo.

Classe - Como é que se aprende isso?

Gaudêncio - A melhor maneira é conhecendo o mundo.

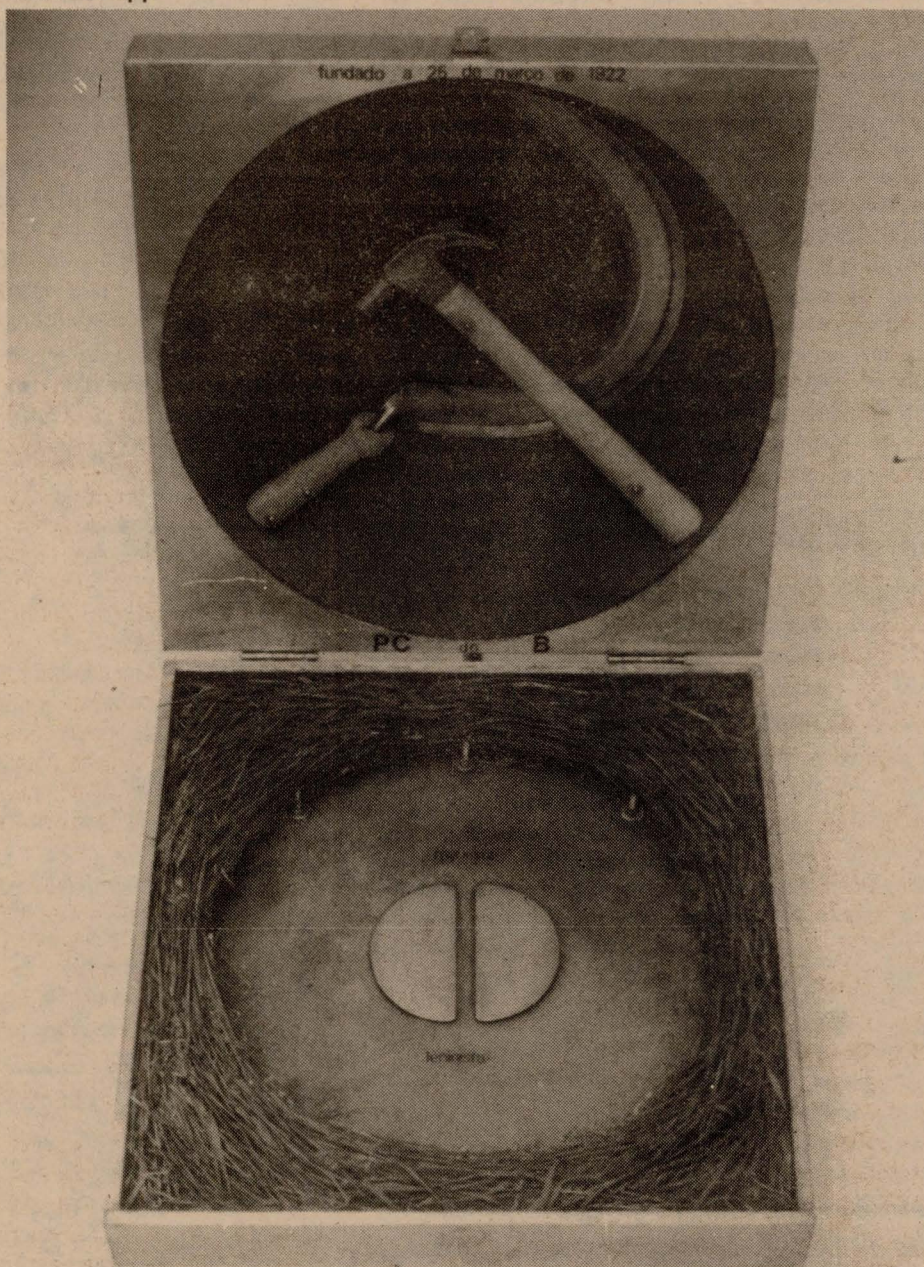
Classe - Dá para viver do trabalho artístico?

Gaudêncio - Por incrível que pareça dá e alguns vivem bem, se compararmos com a situação de todo o povo. Mas as dificuldades são enormes. Para comprar o material se enfrenta as mesmas dificuldades que um pai enfrenta para comprar o arroz e o feijão.

Classe - Como você apresenta seu trabalho e a arte contemporânea?

Gaudêncio - É um segmento da arte que não está preocupado com o mercado. É mais fácil o sujeito adquirir um quadro com uma ilustração e facilmente pendurar na parede, do que uma escultura abstrata que ocupa muito espaço, por exemplo. A arte contemporânea oferece o objeto artístico em duas vias: a da simples contemplação e a da participação, ou interpretação. Até 1985 não era artista quem não pintasse com tinta a óleo, que custava um rio de dinheiro, porque as de boa qualidade eram importadas. Hoje, é mais evidente que a boa técnica alia o conceito ao material. Aqui se encaixa o meu trabalho, que é basicamente com ferro galvanizado, aço, parafina, tecido etc. Para boa parte das obras recorro a profissionais que moldam as chapas de ferro, por exemplo, e isso é bom porque desmitifica a idéia de que o toque do artista é mágico e transforma tudo em obra de arte.

Tamires Fopp



COPA COM CLASSE

Lazaroni insiste em armar um esquema tático errado

Claúdio Wladimir

Agora não tem mais jeito. Nossa tropa já está em terras italianas e as perspectivas são cada vez mais perigosas. Os dois últimos jogos-treinos voltaram a mostrar duramente as debilidades e deficiências crônicas do time comandado teimosamente pelo garoto-propaganda da Pepsi-Cola e que nas horas vagas é, também, treinador de futebol. Seja no empate de 3 a 3 com a Alemanha Oriental, no Maracanã, seja na pálida e melancólica vitória de 1 a 0 contra um arremedo de combinado madrileno, em Madri, ficou mais uma vez evidente que a seleção brasileira está armada num equivocado sistema tático que, embora privilegie a defesa, tem exatamente aí um dos seus pontos mais débeis. Em contrapartida, o meio campo, congestionado com cinco jogadores fortes e aguerridos, mas sem maiores talentos, só combate o adversário, não cria praticamente nenhuma jogada e deixa os dois solitários e criativos atacantes - Müller e Careca - numa angustiante solidão.

Aí está de forma límpida e cristalina o principal problema que nossa seleção irá enfrentar nos gramados italianos. Um esquema tático errado, copiado do futebol europeu e mal copiado. O famoso líbero que tanto sucesso faz na Europa, cá entre nós é um falso líbero, não passando de um beque de espera. Os alas, que na confusa cabeça de Lazaroni devem substituir os pontas, com medo de serem responsabilizados pelos gols que o time anda tomando, não estão avançando, deixando o mágico e misterioso espaço do fundo do lateral do campo completamente vazio. O miolo da zaga mais bate cabeça entre si do que corta os contra ataques adversários. E Müller e Careca, os dois únicos talentos dessa seleção, se esforçam sozinhos para tentar fazer gols que iremos precisar para conquistar o tetra. Esse verdadeiro festival de erros parece ter conseguido contaminar até mesmo Taffarel, outra unanimidade "imexível" deste time, que andou dando umas rateadas sérias nos últimos jogos.

Uma seleção sem talentos, sem um jogador que arme, lance, crie jogadas e também ajude a finalizá-las, sem dúvida terá um futuro incerto pela frente.

Enquanto isso, aqui no Brasil, mais particularmente no interior de São Paulo, um cracão fazia um golaço, desses de entrar para qualquer antologia, um dia antes da seleção da Pepsi dar seu vexame no Maracanã. É claro que estou falando de Neto, o nome que falta nesse time. A sua ausência, aliás, já começa a ser notada, sentida e cobrada até mesmo pela imprensa esportiva carioca, uma das mais parciais, passionais e comprometidas de todo o país. Nas últimas duas semanas, registrei, pelo menos, duas intervenções de jornalistas cariocas pedindo Neto na seleção. Uma do veterano comentarista de rádio e TV Luiz Mendes, no programa "Esporte Visão" da TVE e outra do insuspeito colunista Zózimo Barroso do Amaral, do não menos insuspeito Jornal do Brasil.

É claro que por trás dessas cobranças está a tentativa do novo gerente de futebol do Flamengo, o ex-presidente do Fluminense, Francisco Horta, de comprar Neto para o rubro-negro carioca. Felizmente para os corinthianos, Neto será vendido sim, mas para a Itália, e só depois das finais do campeonato paulista. Infelizmente para todos nós brasileiros e amantes do futebol, a mentalidade provinciana, bairsta e carioca que ainda domina a CBF impede que Neto desfile sua arte nos gramados italianos. Tenho certeza que se ele jogasse no Americano de Campos estaria na Itália, assombrando o mundo. Para compensar, Romário já mexe na bola e provavelmente estará na Copa. Müller, Careca e Romário são, até agora, nossas únicas esperanças! Apesar de Lazaroni ter criado a "Era Dunga". Ai que saudades do Pelé, do Garrincha, do Didi, do Jairzinho, do Tostão, do Falcão, do Éder. Ai que saudades do verdadeiro futebol brasileiro!

Atualidade e perspectiva do feminismo no Brasil

Arquivo



Gisélia Santana, Jô Moraes e Mary Castro

Com a presença de cerca de 100 lideranças de nove Estados do Brasil teve lugar, nos dias 5 e 6 de maio, em Salvador, um seminário para discutir a atualidade e perspectiva do feminismo. Uma promoção conjunta da União Brasileira de Mulheres, da Universidade Católica de Salvador e do Sindicato dos Bancários da Bahia, o seminário foi palco de importante debate sobre questões teóricas e práticas da luta da mulher hoje no Brasil. A professora da Universidade Federal da Bahia, Mary Castro, introduziu sob o ponto de vista marxista a conceituação de gênero como uma construção político-econômico-cultural do termo sexo contrapondo-se, portanto, à conceituação de gênero feita pelas sexistas

para precisar a especificidade da condição feminina como universal e trans-histórica. Jô Moraes, presidente da UBM, abordou a relação entre produção e reprodução na análise do surgimento da opressão da mulher desmistificando as falsas teses que se pretende atribuir aos marxistas. O seminário também debateu as conquistas e a participação da mulher no poder político a partir de uma mesa integrada pelas deputadas Lídice da Mata e Amábilis Almeida, de uma representante da OAB e de Clara Araújo, pela UBM. Outro tema do seminário, abordado por Ana Maria Rocha, foi sobre o caráter das organizações feministas e mobilização de massas. Em meio a um debate acalorado, as participantes refleti-

ram sobre o novo estágio da questão da mulher na sociedade brasileira e a evidência de uma maior radicalidade das bandeiras de luta a serem enfrentadas hoje, colocando a urgência de um maior nível de consciência e organização das mulheres.

Seguramente, este seminário significou mais um passo na elaboração de uma política voltada para a questão da mulher sob o ponto de vista marxista, servindo para aglutinar representantes da intelectualidade brasileira em torno da visão emancipacionista. (Ana Maria Rocha, da direção nacional do PCdoB e responsável pela Frente de Mulheres).

Gênero e classe em debate

Os debates teóricos mais recentes sobre a verdadeira essência da condição feminina, vêm levando à conceituação de gênero para precisar a especificidade da mulher.

"Entende-se gênero como uma construção político-econômico-cultural do termo sexo", afirma Mary Castro, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia. Para ela, representou um salto "a proposição do conceito de gênero, do sexo construído culturalmente, desde uma perspectiva relacional em que homem e mulher se representam".

A discussão posta sobre essa ótica possibilitou que o pensamento marxista enfrentasse, em melhores condições, a concepção sexista de que a condição feminina é universal e trans-histórica. Durante muito tempo, teóricas feministas procuraram negar os condicionan-

tes históricos que levaram a mulher à condição de subalternidade. Sempre combateram a compreensão marxista de que a raiz dos problemas está na passagem da sociedade cooperativa (comunitária) para a sociedade competitiva (de classes). Que na primeira, a divisão sexual do trabalho com base na organização corpórea dos seus membros (incluindo-se aqui a realidade biológica da mulher), tinha caráter complementar e foi, para alguns antropólogos, a "solução orgânica encontrada para a hominização". Já na sociedade competitiva, de classes, as mudanças que se deram nas relações entre os homens para a produção de seus meios de existência e para a reprodução, atingiram profundamente a condição da mulher. Trouxe-lhes restrições à liberdade de produzir, priorização das responsabilidades domésticas com seu con-

seqüente confinamento ao privado e regulação social de sua atividade sexual e reprodutora. Em cima desses componentes básicos, construiu-se toda uma cultura com o objetivo de manter a mulher em sua condição de inferioridade e de usar essa condição para reforçar e sustentar as desigualdades de classe.

Na compreensão do sexo construído culturalmente, a partir de relações dadas, o debate sobre as relações gênero tem que se realizar em interação com a abordagem das relações de classe, como bem defende a professora Mary Castro: "Classe e gênero são categorias que se entrelaçam, mas gênero se realiza em uma sociedade de classes, sendo portanto este o conceito abrangente". (Jô Moraes).

Mais opiniões sobre o nosso projeto gráfico

A Comissão de Agitação e Propaganda do PCdoB do Amazonas reuniu-se e analisou, no mês passado, alguns aspectos do novo projeto gráfico da **A Classe Operária**. Entre os pontos observados, destacam-se os seguintes:

1. **Primeira página:** observou-se que o título do jornal no tamanho atual não chama a atenção do leitor. Como nosso jornal sofre com o monopólio exercido pelas grandes empresas de comunicação, é necessário que seu título seja divulgado com mais destaque. Ou seja, o título anterior é melhor, e não destoava do novo projeto. A publicação da charge também não combina, fica muito panfletário.

2. **Colunas:** para destacá-las é preciso circulá-las com "fios" e aumentar o corpo dos tipos, a fim de preencher os espaços vazios.

3. **Seção de cartas:** ela pode voltar para a página 2, e o editorial para a página 3. Os textos, ou cartas, podem ou não ser publicados na íntegra, mas o ideal seria sintetizá-los, pois assim fica mais fácil a leitura. Fotos nessa página não ficam bem. Que tal caricaturas ou charges?

4. **Prosa e Verso:** continua na última página. Ninguém se atreve a ler trecho de livros. Para estimular a leitura seria melhor abordar a obra e/ou entrevistar o escritor, o cineasta, o artista, etc.

5. **Cupom de assinaturas:** deve ser publicado, mas numa página que possa ser recortada, pois muitos leitores desejam colecionar o jornal, e não desejam recortar a primeira página.

Convictos de que estamos contribuindo para o avanço da luta operária e melhoria da imprensa proletária, enviamos abraços. A Comissão Regional de Agitação e Propaganda do PCdoB no Amazonas).

A dialética nos ensina que tu-

do está em constante transformação, em evolução. Nada é estático, imutável. Por isso mesmo, discordo do comentário do leitor Cláudio Constantino Portugal, publicada na edição nº 41. A **Classe** está mais bonita!

Quanto ao logotipo, não é ele que define a cara do jornal e sua identificação com o leitor, e sim suas idéias, sua divulgação cotidiana. Não é porque diminuí o logotipo que o jornal vai ficar menos atrativo. Aliás, continua com sua cor cada vez mais vermelha. Estamos demonstrando mais maturidade com a imprensa operária mais moderna e dinâmica. **Carlos Geovani "Silêncio", RS).**

Com a presente, aproveitamos para fazer nossos sinceros cumprimentos pela nova versão que foi imprimida a **A Classe Operária**, ensinando ainda que melhores conquistas deverão surgir para cada vez mais aperfeiçoar este veículo de informações.

Também quero apresentar minha humilde crítica para contribuir com o processo de mudanças. Observei que o nome daquele que mais infelicita os proletários brasileiros (Fernando Collor) foi citado diretamente 49 vezes. Conclamo os redatores a não citar os nomes dos que nos massacraram. (**Pedro da Silva Coutinho, Teresina, PI).**

Índios denunciam e enfrentam genocídio

Na Semana do Índio - entre 16 e 19 de abril -, em Manaus, 27 federações indígenas discutiram suas formas de resistência contra o massacre causado pelos brancos ao longo de 500 anos de contato, sempre marcados pelas tragédias da dizimação dos povos que habitaram originariamente o território brasileiro.

O evento - a II Assembléia da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - abordou além disso questões como terra, saúde, política indigenista oficial, conjuntura política nos países amazônicos e suas conseqüências para os povos indígenas, subsistência e alternativas econômicas para os povos indígenas.

Foram tratadas ainda questões do mesmo modo graves, como a morte de muitos índios Saterê-Mauê, provocadas por explosões de minas colocadas nas áreas habitadas por eles pela empresa petrolífera francesa *Elf-Aquitaine*; e o quase aniquilamento dos Waimiri-Atroari, em conseqüência do apodrecimento das águas do lago que foi formado pela barragem da hidrelétrica de Balbina, no Rio Uatumã.

Presente, o vereador João Pedro, líder da bancada do PCdoB na Câmara Municipal de Manaus, lem-

brou que todos os dias são "Dias de Índios" - onde é fundamental lutar e resistir contra a ação dos grandes grupos econômicos que levam povos inteiros à destruição. (**Di Galucio, Manaus, AM).**

Guerrilha do Araguaia

A Editora Anita Garibaldi está preparando a 3ª edição revista e ampliada da "Revista do Araguaia". Solicita aos leitores e amigos de "A CLASSE OPERÁRIA" que enviem fotografias, poesias, peças de teatro e homenagens a guerrilheiros do Araguaia, tais como: nome de rua, praça, centro acadêmico e todo tipo de material impresso informativo sobre o assunto.

Enviar para:
Editora Anita Garibaldi Ltda.
Rua dos Bororós, 51 - 1º andar -
CEP 01320 -
Fone: 278-3220 -
São Paulo.

Ajude a escrever esta importante página de nossa história.

Uma visão crítica da novela "Pantanal"

No último dia 12 de maio pudemos ver pela televisão diversos políticos se pronunciando a favor da novela "Pantanal", da Rede Manchete.

Apontavam-na como sendo uma grande defensora da ecologia, pelo simples fato de nos proporcionar belas fotografias.

Penso, porém, que o que vemos na novela "Pantanal" nada mais é que uma burguesia latifundiária ociosa, envolvida em uma trama sentimental fútil e vazia em meio a muito luxo e mordomias completamente desvinculadas da verdadeira realidade. Quanto às agressões ao Pantanal, nada é mostrado, como a destruição da fauna, da flora; o contrabando de peles de jacarés e outros animais; assim como a poluição e a vida difícil do boiadeiro. As belas paisagens são utilizadas apenas para tentar passar a idéia de que a região vai muito bem, obrigado. (**Ricardo Conduru, Belém, Pará).**

Faleceram J. Grabois e Cyrene M. Barroso

A **Classe** registra com pesar o falecimento em 16 de maio, no Rio de Janeiro, de Jaime Grabois, irmão do dirigente comunista Maurício Grabois, desaparecido na guerrilha do Araguaia, e de Cyrene Moroni Barroso. Jaime Grabois foi um lutador das causas populares e durante sua vida deu sua contribuição para o crescimento do PCdoB.

Cyrene Moroni Barroso era mãe da guerrilheira do Araguaia Jana Moroni Barroso, conhecida como Cristina. Cyrene lutou nos comitês pela anistia e sempre participou de reuniões dos familiares dos desaparecidos no Araguaia e atos em homenagem aos guerrilheiros. Em 1980 integrou a caravana que percorreu a região do Araguaia para constatar junto à população local os crimes ali cometidos pela ditadura militar. Cyrene honrou a memória da sua filha, transformando-se em incansável lutadora pela democracia e pelos direitos humanos.

Assine já o seu jornal "A CLASSE OPERÁRIA" UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome.....
Endereço.....
CEP.....Cidade.....Estado.....
Profissão.....

"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO:

Assinatura trimestral: Cr\$180,00

Assinatura semestral: Cr\$360,00

Preencha hoje mesmo este talão e envie cheque nominal à
Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.

Diretor e Jornalista Responsável:

João Amazonas

Editor: José Reinaldo Carvalho

Redação: Antonio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins

Diagramação e Arte: José Luís Munuera Reyes

Centro de Documentação: Joana D'arc de Sousa e Rosane Montiel

Administração: Sandra Mateus

Secretaria: Márcia Medeiros

Assinaturas: Cláudia Medeiros

Fotografia: Agência Fóton

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - São Paulo/SP

Telefone: (011) 36-7531

Telex: 11-32133

Fax: (011) 36-4104

Nas capitais: ACRE - Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS - Ladeira do Brito, 72 - fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPÁ - Av. Antônio G. Tocantins, 47, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS - Rua Luiz Antony, 762, CEP 69000, fone: (092) 232-3881, Manaus; BAHIA - Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ - Rua São Paulo, 1.037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL - HIGS 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO - Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS - Rua Parnaíba, 355, CEP 74000, fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO - Rua De-

santanhina, 194, CEP 65000, fone: (098) 229-5200, São Luiz; MATO GROSSO - Rua Comandante Costa, 548, fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL - Rua Rui Barbosa, 2.500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS - Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ - Rua 3 de maio, 1834, CEP 66800, fone: (091) 229-5200, Belém; PARAÍBA - Rua Almeida Barreto, 273, CEP 58020, fone: (083) 222-4413, João Pessoa; PARANÁ - Rua Mal. Deodoro, 1.161, Centro, fone: (041) 263-2049, Curitiba; PERNAMBUCO - Rua do Sossago, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ - Rua Desemb. Freitas, 1.216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO - Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20010, fone: (021) 240-5286, Rio de Janeiro; RIO GRAN-

DE DO NORTE - Rua Prof. Zuza, 99, CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL - Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA - Caixa Postal 1330, CEP 78.900, Porto Velho; RORAIMA - Rua Alvaro Maia, 165 - B. Aparecida, CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA - Rua Júlio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis; SERGIPE - Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária. Composição e montagem: Computare - Produções Gráficas e Assessoria de Sistemas S/C Ltda. Rua Cruz e Souza, 60 - Aclimação - São Paulo - SP - fone: (011) 285-3669.

Fotolito e Impressão: Gráfica Joruês - fone: (011) 815-4999

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

O falcão maltês

Dashiell Hammett

Dia 27 de maio, registra o aniversário de nascimento do escritor norte-americano Dashiell Hammett (1894-1961), considerado o criador máximo do que se convencionou chamar de *roman-noir*. Hammett, entre outras coisas, foi detetive da agência Pinkerton durante a 1ª Guerra, tendo colhido nesta experiência boa parte do material e da inspiração com que elaborou sua obra. Ao lado das valiosas contribuições literárias dentro do gênero policial, a obra de Hammett proporciona um retrato sem retoques do ambiente degenerado e hipócrita da sociedade americana, especialmente do período posterior à depressão de 29 e de suas instituições policiais. Companheiro da escritora Lillian Hellman e comunista, ele teve sua prisão decretada pela intitulada Comissão de Atividades Antiamericanas, depois que se recusou a revelar o nome dos que contribuíram para pagar as fianças dos perseguidos pela campanha anticomunista, permanecendo um ano na cadeia, de onde saiu com a saúde definitivamente abalada, não conseguindo concluir *Tulip*, seu último e inacabado romance. A *Classe* reproduz um trecho do capítulo XIII ("A dádiva do imperador") do seu livro "O falcão maltês".



- Então o pássaro não pertence a nenhum dos senhores? - perguntou Spade - mas a um Gen. Kemidov?

- Pertencer? - disse o homem gordo jovialmente. - Bem, o senhor poderia dizer que ele pertence ao Rei da Espanha, mas não vejo como pode sinceramente conceder a mais ninguém incontestável título a ele, a não ser por direito de posse. - Deu uma gargalhada. - Um objeto desse valor, que passou de mão em mão por tais meios, é claramente propriedade de quem o puder agarrar.

- Então é Miss O'Shaughnessy, no momento?

- Não senhor, a não ser como minha agente.

Spade fez um - Oh! - irônico.

Gutman, olhando pensativamente para a rolha da garrafa de uísque que tinha na mão, perguntou: - Não há nenhuma dúvida de que esteja com ele agora?

- Não muitas.

- Onde?

- Não sei com exatidão.

O homem gordo bateu a garrafa sobre a mesa. - Mas o senhor disse que sabia - protestou.

Spade fez um gesto negligente com a mão. - Eu quis dizer que sei onde encontrá-lo quando chegar a ocasião.

Os bulbos cor-de-rosa, sobre a face de Gutman, ajustaram-se melhor. - E o senhor o fará? - perguntou.

- Farei.

- Onde?

Spade sorriu: - Deixe isso comigo.

- Quando?

- Quando eu estiver pronto.

O gordo apertou os lábios e, sorrindo com uma leve inquietação, perguntou: - Mr. Spade, onde está Miss O'Shaughnessy agora?

- Nas minhas mãos, bem escondida.

Gutman sorriu, aprovando. - Confio inteiramente no senhor, a esse respeito. Bem, agora, antes de combinarmos os preços, responda-me isto: quando pode o senhor, ou, quando quer o senhor, mostrar o falcão?

- Dentro de alguns dias.

- Isso é suficiente. Nós... Mas esqueci-me do nosso alimento. - Virou-se para a mesa, despejou uísque, esguichou nele água carregada, pôs um copo junto de Spade, e levantou alto o seu. - Bem, bebamos a uma transação leal, e a lucros compensadores para nós dois.

Beberam. O homem gordo sentou-se. - Qual é a sua idéia de uma transação leal? - perguntou Spade.

Gutman levantou o copo contra a luz, olhou-o afetuosamente, tomou outro trago, e disse: - Tenho duas propostas a fazer-lhe, e qualquer delas é leal. Escolha. Dar-lhe-ei vinte e cinco mil dólares quando me entregar o falcão, e outros vinte e cinco mil assim que chegue a Nova York; ou dar-lhe-ei um quarto, vinte e cinco por cento, do que apurar pelo falcão. Ai tem, senhor: cinquenta mil dólares quase imediatamente, ou uma soma imensamente maior dentro, digamos, de alguns meses.

Spade bebeu e perguntou: - Maior, quanto?

- Imensamente - repetiu. - Quem sabe quanto?

Poderei dizer cem mil, ou um quarto de um milhão? Acreditar-me-ia, se eu pronunciasse a soma que parece o mínimo provável?

- Por que não?

- Que diria o senhor de meio milhão? - murmurou numa voz ronronante, estalando os lábios.

Spade estreitou os olhos. - Pensa então que o bibelô vale dois milhões?

Gutman sorriu serenamente. - Com suas próprias palavras, por que não? - perguntou.

Spade esvaziou o copo e colocou-o sobre a mesa. Pôs o charuto na boca, tirou-o, olhou para ele,

e pô-lo de novo na boca. Seus olhos amarelo-pardos estavam ligeiramente úmidos. Disse: - Isso é um mundo de dinheiro.

O gordo concordou: - É um mundo de dinheiro. - Inclinou-se e bateu de manso no joelho de Spade. - Essa é a absoluta base mínima, ou Charilaos Konstantinides era um bobo-alegre, e ele não o era.

Spade tirou de novo o charuto da boca, olhou-o franzindo a testa com repugnância, e pô-lo na mesinha de fumar. Então fechou os olhos com força, e abriu-os de novo. A umidade tinha aumentado. - O... mínimo, hem? E o máximo? - Um inconfundível "ch" acompanhou o x de máximo, quando ele o pronunciou.

- O máximo? - Gutman estendeu a mão vazia, com a palma para cima. - Recuso-me a fazer conjeturas. Pensaria que estou louco. Eu não sei. Não se pode dizer a que alturas poderia chegar, e esta é a única verdade das verdades a respeito dele.

Spade encolheu o lábio inferior descaído apertando-o contra o superior, e sacudiu a cabeça impaciente. Uma centelha de inteligência e temor despertou em seus olhos... e foi sufocada pela umidade crescente. Levantou-se, firmando-se com as mãos nos braços da cadeira. Sacudiu a cabeça de novo e deu um passo hesitante para a frente. Riu-se pesadamente e murmurou: - Diabos o levem.

Gutman pulou, empurrando a cadeira para trás. Seus globos de gordura dançaram. Os olhos eram buracos escuros num rosto rosado e oleoso. Spade balançou a cabeça de um lado para outro até os olhos pesados ficarem apontados, senão focalizados, para a porta. Deu outro passo cambaleante. O homem gordo chamou em voz aguda: - Wilmer! - Uma porta abriu-se e o rapaz entrou.

Spade deu um terceiro passo. Seu rosto agora estava cinzento, com os músculos do queixo saltados como tumores, sob suas orelhas. As pernas não se firmaram mais depois desse quarto passo, e os olhos turvos estavam quase cobertos pelas pálpebras. Deu o quinto passo. O rapaz se adiantou e postou-se perto, um pouco na sua frente, mas não precisamente entre ele e a porta. Trazia a mão direita dentro do paletó, sobre o coração, e os cantos da boca tremiam. Spade ensaiou o sexto passo. A perna do menino atravessou-se na frente da dele. Spade tropeçou sobre a perna interferente e caiu com estrondo, com o rosto voltado para o chão. O rapaz, conservando a mão direita dentro do paletó, olhou para ele. Tentou levantar-se. Então o menino recuou bem para trás o pé direito, e deu-lhe um pontapé nas pernas, fazendo-o rolar sobre um dos lados. Ele tentou levantar-se mais uma vez, não pôde, e caiu no sono.

PROSA & VERSO

